

# DA DEMOCRACIA

EM PORTUGAL

## A UM PASSO DOS PAÇOS DO CONCELHO

Uma análise de João Quaresma sobre as eleições autárquicas. Ambições partidárias. Confrontos a seguir. Litoral-interior. (pp. 7-11)

+

### "Cabo Delgado: Um Rescaldo dos Sinais Ignorados"

Por Pedro Trigo (pp. 19-21)

### "Inteligência Artificial e Blockchain"

Por Beatriz Silva (pp. 28-29)

### Nova edição da rubrica: 'Contraditórios'

Por Luís Miguel Simas (pp. 30-34)

### A Saúde Mental em Tempo de Pandemia

Por Mariana Setra (pp. 40-42)

### "É no Meio que está a Verdade: o mal, o Humano e o Bem"

Uma divina epopeia de Carolina Margarido, Sofia Veiga Carita e Vasco Sousa (pp. 43-48)

### Pela primeira vez, o "Núcleo Musical - DDEP"

Criado por Luís Duarte (pp.62-70)

### "PHOTOPHILIA"

Uma Exposição Digital de Bruno M. Lencastre (pp. 80-92)

IV EDIÇÃO

Abril 2021





© WIKIPEDIA

# Alexis De Tocqueville

Magistrado, Político, Sociólogo e  
Filósofo Francês.

Autor da obra, *Da Democracia na  
América*

## BONS DIAS, CARÍSSIMO LEITOR!

Provavelmente já ouvistes falar da minha pessoa; provavelmente não. De todo o modo, certamente encontrarás em mim, se procurardes, algumas das reflexões que terás, já, encetado, aquando da observância do mundo que vos rodeia. O mundo social e político. Aquele que é próprio do Homem.

Durante a minha viagem ao "Novo Mundo", denotei o espírito das comunidades políticas recém-formadas. Ávidas de sucesso, de melhoramento do nível de vida, fundam-se num princípio de "igualdade de condições" que - apesar de profícuo na prossecução dos interesses fundacionais -, isola os homens. Dissolve a comunidade numa soma aritmética de indivíduos atomizados, cada um deles, abandonado à solidão do respectivo coração.

Foi contra este "individualismo" que decidi inspirar o corpo editorial e os redatores deste jornal que, em seguida, ides ler.

Se, a vossa criatividade e espírito crítico, formos - eu e os meus inspirados - capazes de trazer, para a esfera pública, levando-vos a falar, a escrever e a agir, em defesa da porção do globo comum que é vossa... teremos conquistado o paraíso possível.

- O da Alma Humana

# prefácio



## AGITAR O MAR, REMAR CONTRA A CORRENTE, CHEGAR A BOM PORTO

Ao conservar o espírito crítico  
Promovemos a tolerância artística.  
Porque valorizamos a Democracia constitucional  
Ao amar a Liberdade linguística.  
Obrigada pluralismo emocional!  
Porque sem ti teríamos apenas estatística.  
Este mundo seria demasiadamente banal  
Sem a tua veia de paixão jornalística.

Porque escrever é a melhor forma de pensar.  
E porque amar é a melhor forma de sentir.  
Devemos procurar conservar  
Esta estranha forma de existir.

Escreve-me uma carta amanhã  
Cita-me o teu verso favorito.  
Dir-te-ei que tipo de poeta és  
Se escreveres "romance" a negrito.

### LER, REFLETIR, DEBATER, REFLETIR... ESCREVER

Quando idealizei este projecto,  
sempre o encarei com o espírito  
socrático de quem nada sabe, e a  
disposição galileica de quem cruza as  
fronteiras do que a vista alcança.

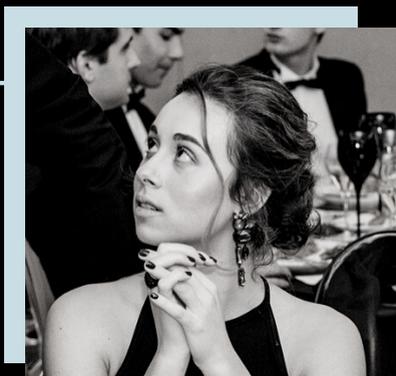
Antes de um produtor de ideias,  
assumo-me um ávido leitor.  
É através de uma simbiose entre  
aquilo que penso, e aquilo que leio -  
do que os outros pensam -, que  
alimento a minha infindável  
curiosidade. É comigo e com eles que  
debato. É sobre tudo isso - e mais  
alguma espuma que os dias me  
trazem - que reflito.

É esta a missão que vos proponho.  
Leiam, reflitam, debatam, reflitam...  
Escrevam.  
Nesse sentido, este jornal é mais vosso  
que meu.  
Sirvam-se do banquete.  
- E desfrutem!

### ATENCIOSAMENTE,

**Luís Miguel Simas**  
DIRETOR-GERAL

**Carolina Margarido**  
DIRETORA-GERAL ADJUNTA



# dos editores



# CONTEÚDO

06

## CÁ DENTRO

Separador de Assuntos Nacionais.

19

## LÁ FORA

Separador de Assuntos Internacionais, ou que analisem a actuação do Estado Português internacionalmente.

35

## "ESTADO DE DIREITO(S)"

Separador mensal dedicado à investigação no campo dos Direitos Humanos.

43

## PHILOSOPHIA

Ensaios versando temas clássicos da Filosofia, Filosofia Política e da Ciência Política.

49

## "POR.TUGAS"

Separador mensal, dedicado a entrevistar cidadãos nacionais que se destaquem nas suas áreas de actividade.

54

## ESPAÇO INSTITUCIONAL

Notícias e/ou Eventos do Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa.

57

## ESPAÇO CULTURA

Sugestões e reviews quizenais de livros, filmes, séries, música, teatro e demais programas culturais.

72

## "CRIA.TIVIDADE"

Separador dedicado à produção escrita, quer pelo corpo de redação, quer por alunos do IEP que nos enviem as suas peças.





# Política de Proximidade

/ RITA ROSA

Aproximamo-nos da época das eleições autárquicas. A importância da política exercida pelas autarquias e, por sua vez, juntas de freguesia ganha preponderância devido à aproximação dos candidatos ao cidadão.

As juntas de freguesia têm, na sua natureza, um papel de grande relevância no que diz respeito à satisfação das necessidades mais imediatas do cidadão.

As suas competências estão, nomeadamente, relacionadas com o equipamento rural e urbano, o abastecimento público, a educação, a cultura, tempos livres e desporto, os cuidados primários de saúde, a ação social, a proteção civil, o ambiente e salubridade, o desenvolvimento, o ordenamento urbano e rural, a proteção da comunidade e, ainda, competências de gestão, planeamento e realização de investimentos. A Política de Proximidade é, por isso, de grande importância e indispensável.

Numa altura em que se verifica um grande afastamento entre as pessoas e a política, as autarquias surgem como um meio de comunicação e ligação entre elas.

As Juntas de Freguesia, em particular, são as que ouvem as ansias dos residentes e que devem procurar resolvê-las.

Em tempos de pandemia, o papel deste organismo torna-se imprescindível. É a partir dele que a alocação de recursos para a ajuda das populações é efetuada.

O surgimento de novos desafios é constante e é, por isso, essencial uma rápida mobilização e atuação. Todos temos sido testados pela nossa resiliência, e as próprias instituições têm sido testadas no que diz respeito à sua capacidade de resposta.

Tem sido da competência das autarquias, nesta situação de instabilidade vigente, proteger e apoiar a população, em especial aqueles que se encontram em maior vulnerabilidade, assegurando serviços mínimos. O apoio social a idosos, jovens e pessoas mais carenciadas, tem sido garantido, sobretudo, através deste contacto direto entre a junta de freguesia e o cidadão.

É, desse modo, fundamental o trabalho conjunto e a relação de proximidade.

Posto isto, pretendi fazer uma pequena reflexão sobre a importância das autarquias que por vezes são ignoradas e que apesar de serem dos mais pequenos órgãos são também os primeiros na linha da frente no que toca aos desafios do dia-a-dia das populações.





## A um passo dos Paços do Concelho

/ JOÃO QUARESMA

As Autárquicas já mexem! Os partidos, particularmente o PSD, começam a lançar candidatos. São eleições locais, mas maus resultados, como Guterres dificilmente esquecerá, podem causar estragos nos meandros partidários.

Como ainda não conhecermos a(s) data(s) do ato eleitoral, só sabemos que 2021 não desapontará: arrisco dizer que serão as Autárquicas mais decisivas dos últimos anos para o futuro de certos protagonistas e partidos.

A primeira polémica estalou cedo... vinda de dentro do próprio PSD. Rui Rio prometeu jogar tudo e José Silvano não demorou a apresentar... perdão... anunciar candidatos. Confuso? Pois, até os próprios ficaram. Rapidamente se esclareceu que os recandidatos foram nomeados por terem homologação imediata da cúpula partidária, se desejassem, depois de até Salvador Malheiro ter manifestado surpresa com o sucedido. Rio apontou alto, e bem, pois um resultado fraco, aliado ao estancamento social-democrata nas sondagens, pô-lo-á em cheque, mas esta campanha teve um péssimo começo: a imagem desejada de diligência foi substituída por descoordenação. Vejamos o que está em causa e façamos um périplo por alguns nomes.

### Ambições partidárias

O Bloco será o partido que encarará estas Autárquicas com maior tranquilidade. Sem Câmaras – e fraco historial: a última foi Salvaterra de Magos, em 2009 – o grande objetivo foi um bom resultado lisboeta. Assim, avança a ativista Beatriz Dias, que, em 2019, com Joacine e Romualda Fernandes (PS), trouxe diversidade (ainda em défice) à AR. O PS também as pode encarar confortavelmente: parte como grande vencedor da edição passada e como putativo vencedor de 2021, não possuísse 160 Câmaras, um autêntico fosso de 62 para o PSD.

PSD e CDS, mais do que outras forças, desesperam por bons resultados. O PSD nem chegou à centena de Câmaras em 2017 e, provavelmente, voltará a ter menos que o PS, mas um aumento desse número e a conquista de uma CM high profile, como Lisboa, dará a Rio oxigénio para sossegar os críticos. Se o PSD ressaca das piores Autárquicas de sempre, o CDS vem de umas das melhores. Com 6 concelhos conquistados mais o resultado galvanizador de Assunção Cristas na capital, a fasquia está elevada para um partido em crise, com um líder altamente contestado e incapaz de passar a mensagem. Firmaram uma coligação, onde nem tudo tem sido rosas, que levou André Ventura, numa birra descomunal, a ameaçar romper o acordo açoriano.

IL e Chega almejarão afirmar-se, embora num escopo diferente. Não é segredo que são partidos disruptores, assentes em ideologias virgens em Portugal, mas enquanto os Liberais estão radicados nas elites urbanas, e não terão candidatos aos 308 municípios, o Chega quer usar as boas Presidenciais de Ventura como trampolim e confirmar-se como partido de implantação nacional. As Autárquicas não são tão pessoais como as Presidenciais, nem girarão em torno de Ventura, mas este certamente tentará transferir a sua popularidade para os candidatos, tendo já escolhido homens próximos, como Pacheco Amorim à AM Cascais ou Nuno Afonso, seu nº2, para Sintra.

Será difícil os estreantes saírem derrotados. Sem expectativas de conquistar Câmaras, resultados que comprovem o crescimento sustentado da "onda liberal" satisfarão a IL. Quanto ao Chega, atendendo às Presidenciais, será interessante assistir à sua performance, em particular no Alentejo.

Se Ventura for bem-sucedido na referida transferência, arriscamos ver o PCP perder concelhos para a extrema-direita, em especial aqueles com maior pegada cigana. Seria uma inversão de 180°, embora plausível, ainda mais considerando que as Autárquicas referendarão, novamente, a relação PCP-Governo, que serenou o seu cariz reivindicativo.

O PCP terá de defender as suas autarquias de Chega e PS (recordemos: a CDU ficou em 2º nas Presidenciais em somente 14 concelhos; Ventura superou mesmo 30% em Moura, Monforte e Mourão), e tentar reconquistar concelhos aos Socialistas no Alentejo... e na Margem Sul.

### **Confrontos a seguir**

Lisboa será cenário do principal combate. Rio conseguiu jogar o grande trunfo com Carlos Moedas, ex-comissário europeu, centrista, apelativo para um espectro popular variado, nome pesado para enfrentar Fernando Medina (será a convocação à AR prova disso?), que em 2017 perdeu a maioria herdada de Costa. A estes juntam-se Beatriz Dias, Nuno Graciano, Bruno Soares e (como não podia deixar de ser) João Ferreira.

Dias é um rosto relativamente mediático e procurará fazer esquecer a campanha de Robles. Soares é... 2ª escolha, depois do "candidato-relâmpago" Miguel Quintas ter desistido após 3 dias: percebe-se que a IL tenha recusado apoiar Moedas para trilhar o seu caminho e cimentar o seu eleitorado, mas o partido fica mal na fotografia: passou a ideia de falta de compromisso/organização.

Graciano foi inesperado. Prometeu um abanão e dias depois a capital tremeu. Diz-se contra a "libertinagem" e defendeu ter experiência política por ter presidido a uma associação académica... o que se veio a saber ser mentira. Tio Careca é uma personalidade familiar dos Portugueses, que se habituaram a vê-lo na TV. Se essa imagem será suficiente para atrair o eleitorado, ou se, pelo contrário, jogará contra si, é uma incógnita.

Ferreira é também uma cara conhecida... por ser faz-tudo comunista! Ele é Europeias (2x), é Presidenciais, é Autárquicas (2x), é claramente o mais bem-colocado para suceder a Jerónimo. Não está em causa a sua competência (bons mandatos em Estrasburgo), e traz jovialidade ao um partido associado à velha guarda. Mas já cansa! O PCP tem de se afirmar, e Ferreira é o futuro, mas transmite-se falta de alternativas e de coragem para dar palco a outros.

Medina ou Moedas? Um deles será autarca. Um corre sozinho, outro tem uma (extensa) coligação atrás. Um tem como mínimos segurar a presidência, outro fazer esquecer Leal Coelho. Ambos poderão ser líderes partidários e, por inerência, primeiros-ministros. Aqui reside a grande diferença: enquanto Moedas não precisa de vencer – apenas convencer – para dar cartas e ameaçar Rio, já que acumulará muito capital político só por avançar e conseguir agregar, Medina não pode sair mais fragilizado, arriscando-se a hipotecar a candidatura à sucessão de Costa e perder terreno para Pedro Nuno Santos, da ala mais radical: embora Lisboa já tenha catapultado Sampaio, Santana e Costa, seria difícil apresentar-se como autarca que perdeu a maioria primeiro, e a liderança depois.

Por falar na sucessão de Costa, pensasse-se em Ana Catarina Mendes para Setúbal. Confirmando-se, lutará no seu município com o experimentado social-democrata Fernando Negrão (2ª tentativa) e André Martins (PEV), presidente da AM. Partirá, fruto do mediatismo, da pole position: seria novo palco para a delfim de Costa se exhibir.

Devido à limitação de mandatos, Maria Dores Meira, até aqui autarca setubalense, é aposta fortíssima da CDU para recuperar o bastião de Almada: será o confronto nacional mais quente à esquerda contra a presidente socialista Inês Medeiros, assombrada pela polémica da Bela Vista, e a parlamentar bloquista Joana Mortágua.

Na Grande Lisboa, muitas questões para Rio. Irá "isaltinar" em Oeiras? Sempre admirei Rio como alguém pautado pela integridade, preocupado em trazê-la para a política. Pediu um banho ético quando foi eleito presidente. Agora, contempla a hipótese de apoiar Isaltino Morais, ou não avançar candidato. Isaltino, recorde-se, é amado pelos municipais e tem (muito) trabalho para mostrar, mas já cumpriu pena. Confirmando-se, é um contrassenso tão grande ou maior que a questão gaiense (lá iremos). Seria, porém, uma vitória segura, já que ninguém lhe faz frente.

Com Oeiras entregue, Sintra garantidamente será um grande combate... a três. Basílio Horta recandidatar-se-á e Rio lançou Baptista Leite, rosto social-democrata na gestão pandémica, potencial ministro da Saúde. É um nome indubitavelmente forte, competente e reconhecido... mas sem a vasta experiência de Basílio nem o carinho do também social-democrata e ex-vice-presidente Marco Almeida, que deverá avançar como independente. Almeida já em 2013 concorreu contra o PSD e, então, "mordeu os calcanhares" a Basílio, além de relegar o candidato laranja para o bronze. A divisão que se assistiu em 2013 condenou o PSD... e poderá agora repetir-se. Chama-se a isso "spill-over effect": Basílio agradece. Veremos o impacto de Afonso.

Ainda nesta região, destaque para a Amadora, socialista desde 1997. PSD/CDS arriscarão Suzana Garcia contra a incumbente Carla Tavares, numa jogada em tudo semelhante ao Chega em Lisboa. A própria admitiu cortejos do partido. É ex-comentadora criminal sem filtros, famosa pelas suas polémicas: PSD, partido moderado, jogando nos extremos? Certo é que Garcia foi apresentada na ausência de Rio, numa conferência embaraçosa onde Silvano insinuou existirem candidatos/eleições de primeira e segunda, afirmando que se fosse Legislativas Garcia seria alvo de maior análise, fruto das declarações sobre castração química. Se é excelente o PSD apresentar-se como uma casa com grande abertura, valores deixam de o ser se escolhermos quando os debatemos. Um candidato tem sempre o mesmo perfil, independentemente da eleição: aparentemente, para este PSD, a exigência com os seus representantes é mínima em eleições locais.



Vamos à Invicta! Rui Moreira é rei e senhor da cidade, tendo uma relação especial com os portuenses. Recusa liminarmente concorrer por um partido (a menos que tenha de criar um devido à nova lei autárquica) mas, paradoxalmente, poderá ser poleiro para CDS e IL cantarem vitória. Se o apoio centrista é antigo, o liberal parece contraditório. Falamos do partido que recusou uma coligação antissocialista na capital para se afirmar, mas disposto a abrir aqui uma exceção. Não seria mais produtivo apoiar, por exemplo, Tiago Mayan, surpresa presidencial, para se cimentar também a Norte? Talvez não. Politicamente é arguto, pois Moreira terá mais facilidade em ganhar com maioria que Medina, isto é, a IL poderá integrar um executivo municipal em Lisboa com Moedas, que dificilmente vai à maioria, mas se concorrer sozinha no Porto, Moreira previsivelmente dispensá-la-á. Seja como for, Moreira é o frontrunner, mas terá de se defender do “caso Selminho”, tendo o Ministério Público largado a bomba ao denunciar “atuação criminoso”.

Ainda não há candidato socialista, mas especula-se sobre Manuel Pizarro, vereador e eurodeputado, José Luís Carneiro, secretário-geral-adjunto e, recentemente, Tiago Barbosa Ribeiro, deputado. Carneiro talvez fosse a melhor aposta: domina a máquina partidária e presidiu Baião durante 12 anos; Pizarro perdeu duas vezes anteriormente e Ribeiro viu-se implicado em Tancos. Já o PSD teve uma “escolha feliz”. Com a nega de Paulo Rangel, Rio falhou aqui o trunfo e apostou na familiaridade de Vladimiro Feliz, seu ex-vice. Não é desconhecido, mas simultaneamente não é conhecido do grande público. Rio assumiu total responsabilidade (ao contrário de Lisboa), demonstrando resignação com o favoritismo de Moreira. O Chega avança Orlando Monteiro, ex-bastonário da Ordem dos Dentistas.

Ali ao lado, Gaia será derby aceso entre o incumbente socialista e presidente da Área Metropolitana Porto, Eduardo Vítor Rodrigues, e António Oliveira pelo PSD/CDS. É incrível como Rio mudou de opinião: ninguém esquece as querelas com o FCP, nem a frequente tareia que dá naqueles – como Moreira e Rodrigues – que se imiscuem no futebol. Todavia, um ex-selecionador, ex-treinador portista e sportinguista, e maior acionista privado da SAD azul-e-branca passa no crivo?! Defende-se, considerando que nunca usou a posição para ocupar lugares nos órgãos sociais. Hipocrisia. É, contudo, um candidato interessante, mas sem experiência política, que, ganhando, devê-lo-á ao passado futebolístico.



Não considero, tal como Rio, que alguém com passado desportivo não possa aceder à política. Tem tanto direito como qualquer pessoa, mas conciliar ambos mundos simultaneamente é perigoso, pode dar azo a esquemas indesejados, além de menosprezar o que deve ser foco: os municípios.

Acompanhemos ainda Gondomar, onde o PSD apoia Jorge Ascensão, líder da CONFAP – frequente problema para Brandão Rodrigues – ou Coimbra, onde o mediatíssimo ex-bastonário da Ordem dos Médicos, José Manuel Silva, concorrerá à revelia da concelhia laranja. Enfrentarão, previsivelmente, os incumbentes socialistas Marco Martins e Manuel Machado. E Santana? Vai andar pela Figueira... a solo?

Finalizando, uma nota ao CDS. No último Congresso pediu-se que nomes grandes avançassem. Até ver, só João Almeida concorrerá na sua São João da Madeira. Mesquita e Chicão estudam o avanço, respetivamente, na sua Covilhã e na sua (e minha) Oliveira do Hospital, como candidatas à AM. Face às exigências, e à saúde do partido, é parco. Chicão, em particular, querendo afirmar-se, e sabendo estar no fio da navalha, poderia seguir a antecessora e jogar tudo numa CM. Já o PSD começou a todo o gás, com uma apresentação exclusiva para um "ás" como Moedas, mas corre o risco de ver a campanha manchada pelas contradições em Oeiras, Amadora e Gaia, mesmo vencendo nesses municípios.

Serão Autárquicas entusiasmantes, onde Rio, Chicão ou Medina jogam o futuro; IL e Chega procuram consolidar-se; PSD/CDS e CDU voltar à mó-de-cima. Onde ex-bastonários, sindicalistas ou personalidades televisivas procuram mudar de rumo profissional. Onde, até lá, os independentes terão de lutar contra a nova lei e as mulheres procuram-se. Onde as surpresas serão inevitáveis. Venham elas!

**NOTA 1: SENTIDAS CONDOLÊNCIAS À FAMÍLIA DE ALMEIDA HENRIQUES, PRESIDENTE DA CM VISEU, QUE A 4 ABRIL NOS DEIXOU, PERDENDO A LUTA PARA A COVID-19.**

**NOTA 2: EM DATA POSTERIOR À QUE ESCREVO ESTE ARTIGO, ALGUNS CANDIDATOS, DIGNOS DE UMA ANÁLISE SEMELHANTE, PODEM TER SIDO APRESENTADOS, E OUTROS CONFIRMADOS.**



## (Em) Memória da Democracia

/ DIOGO ROOVERS

Como se formam as bases para o progresso da Humanidade? Mais concretamente, como surgem as implementações de novos regimes políticos? Como se maturam estes e como se observam os seus resultados? São questões prementes para qualquer ser que se digne da aventura da pesquisa e raciocínio político.

As transmutações de circunstâncias implicam um status quo que é, inevitavelmente, inerente a um ponto temporal específico. Proponho que olhemos o tempo (Cronos) como mero indicador de localização num dado tecido. Tecido este que é infinito, podendo ser bordado, costurado ou rasurado, mas que toda a sua evolução e informação fica gravada. Esta gravação no tecido é imperativa para que possamos observar a sua evolução, caso contrário, estaríamos num status quo imutável. No entanto, a tendência de olhar para o status quo como algo permanente é das falácias sobre as quais dedico grande parte do meu tempo a desmistificar.

A realidade, tendo em conta Cronos, é que o status quo verifica um constante estado de Mudança e Evolução. Aqui podemos contrastar com a visão platónica de que o Estado Perfeito seria imutável e que todas as degenerações levariam à corrupção. Caso o status quo não se mostrasse dinâmico, como



ambicionava Platão, estaríamos condenados a sofrer vezes sem conta regimes que não se adaptam à maior das forças - o tempo - e conseqüente evolução, o aumento da consciência coletiva do tecido.

A grande vantagem da Democracia, em relação às demais formas de composição de Estado é que esta é permeável ao dinamismo das sociedades. A democracia altera-se com a renovação de gerações. Gerações que por sua vez agregam, por definição, mais informação que as anteriores e portanto estão mais avançadas na referenciação do tecido que mencionei no início.

Para salvação da Humanidade, o tecido a que me refiro não é meramente metafórico. A democracia está gravada no espaço-memória de cada um dos elementos que compõem a sociedade. A questão que advirá dos mais céticos prender-se-á com a veracidade dos factos registados no tecido individual de cada um, mas graças ao sistema auto-regulador da memória coletiva, será uma questão (virtual) de tempo até que o tecido esteja de tal forma evidente que a sua negação se torne insustentável. É na base do tecido que se constrói toda a forma de governo apropriada ao dinamismo e à correção de eventuais degenerações morais, pois permite-se a mudança. É na sociedade aberta que encontramos a chave da governação das sociedades humanas. Há que colocar ao dispor do coletivo a informação necessária para que todos trabalhemos sobre o mesmo tecido real e não sobre meras fantasias criadas com intuítos de enclausurar em personalidades finitas poderes dinâmicos. Estes poderes respondem tanto melhor aos indicadores de saúde democráticos quanto maior for o desapego de quem os emprega.



## 25 de Abril em 2021

/ GABRIEL FÁBREGA

É com muito gosto que escrevo este artigo. Parece que os anos passam e a necessidade de assinalar esta maravilhosa data é cada vez maior. Vivemos uma altura política e económica em que os valores e as conquistas de abril estão a ser altamente fustigados: por uma pandemia que alterou a nossa conceção de liberdade, e por um movimento social e político que traz à tona os ímpetos nacionalistas e as inspirações fascistas que em Portugal à muito que estavam enterrados. E hoje irei falar um pouco sobre isto, sobre os tempos estranhos que vivemos e a necessidade de nos inspirarmos no simbolismo do dia 25 de Abril, na coragem e na vontade de transformação que devolveu a liberdade ao povo português.

Gostava de começar por relevar alguns dados curiosos que acho que serão interessantes: a ditadura militar/Estado Novo durou 48 anos, este ano celebramos o 46º aniversário do 25 de Abril e a 3.ª república tem apenas 44 anos. A partir destes dados e da situação política atual não consigo deixar de fazer algumas observações.

A primeira (e talvez menos evidente) é a forma como a população portuguesa enxerga a história, a forma como vive e pensa a sua memória coletiva ainda é muito alicerçada nas bases do Estado Novo. A historiografia portuguesa de grande exaltação aos reis e aos descobrimentos não é algo ancestral. Esta nossa forma de encarar a história é fruto do trabalho de propaganda de Estado Novo, fruto do trabalho de António Ferro que sob a tutela de um regime de inspirações fascistas esteve encarregue de construir a narrativa pelo qual os portugueses iriam acreditar e seguir piamente. Ferro criou o conceito de mitificação dos reis e dos descobrimentos portugueses, exaltando as figuras de maior proa, elevadas a um status de heróis nacionais. Estatuas e castelos foram erguidos, o padrão dos descobrimentos construído. Esta construção da mitológica da história portuguesa permitia o controle sobre a população do ponto de vista cultural, e justificava a ditadura de Salazar e a permanência nas colónias.

E talvez isso explique um pouco do nacionalismo português, nunca foi algo forte ou com uma tradição milenar, foi apenas uma arma utilizada para um fim político, para um fim de coesão cultural e consenso nacional, no entanto este nacionalismo desnaturado que esta tão embrenhado na psique coletiva eventualmente iria renascer. De um ponto de vista sociológico é perfeitamente natural um país que viveu 48 anos em ditadura ainda tenha em si do ponto de vista cultural ainda alguns traques desse tempo.

Nos últimos 10 anos vimos um auge da política identitária, a política que bate-se pelos direitos das minorias, esta corrente política maioritariamente de esquerda foi-se popularizando nos últimos 10 anos fruto de falhas estruturais do sistema que hoje em dia estão mais expostas pela democratização dos meios de comunicação. A academia e os partidos políticos abriram uma guerra cultural, onde pretendem romper com os dogmas e as preposições conservadoras que definem em parte a nossa sociedade. A ideia revolucionária de que o sistema em si é racista, ou homofóbico, ou machista (na verdade todas estas coisas e muito mais, todas ao mesmo tempo), a título pessoal eu concordo, com o passar dos anos torna-se claro que a nossa democracia liberal não é tao representativa e tao equitativa como achávamos, existem de facto pessoas mais iguais que outras.

Eu na qualidade de homem branco heterossexual irei estar sempre (mesmo que de uma forma muito tênue) numa posição de superioridade perante uma pessoa que pode ter as mesmas habilitações que eu, mas ser inferiorizada pelo sistema apenas por ser mulher, ou um negro ou homossexual. Sou da opinião que a ribalta identitária não é apenas um movimento académico/político que surge numa lógica de arrecadar mais votos, surge com a impossibilidade de a democracia liberal ocidental continuar a viver nesta dualidade, de clamar por liberdade e igualdade ao mesmo tempo que o seu próprio sistema perpetua a desigualdade. Em suma sinto que há uma componente orgânica nesta massificação da política identitária, fico com a sensação que esta vaga de políticas identitárias sempre foi inevitável e que ela vem para consolidar e melhorar a nossa democracia. Vem para democratizar o sistema, romper com os preconceitos estruturais e representar melhor o nosso "demos" no "kratos".

O caso português com a política identitária tem muito que se lhe diga, recentemente temos encontrado uma narrativa que coloca Portugal como um país estruturalmente racista, e por tudo constatado anteriormente neste artigo, e na qualidade de imigrante partilho da mesma opinião. Vivemos neste país um racismo e um preconceito profundamente passivo-agressivo, não é um racismo ostensivo e agressivo, mas sente-se todos os dias e é palpável. E por isso eu acho tao complexo falar sobre racismo em Portugal, a complexidade da posição dos portugueses é gigante, temos uma matriz na nossa psique enquanto país que condicionou a população a ter em si um racismo estrutural com toques do luso tropicalismo, um pseudo-paternalismo racista que a população portuguesa alimenta em relação aos seus imigrantes.

Sendo nos um país tao complexo quanto a estas questões importava que a política identitária fosse cirúrgica, importava ter sentido de oportunidade nas intervenções e na intensidade das mesmas, mas mais do que tudo importava não desvirtuar o conceito base em busca de proveitos políticos. E sinto que se perdeu este cuidado. Numa tentativa bacoca de exportar políticas identitárias anglo-saxónicas os identitários portugueses falharam o ponto crucial: o contexto histórico. Faz-se uma política identitária quase que desligada dos contextos históricos de Portugal, e isso logicamente tem impacto.

A política identitária em Portugal abriu uma guerra cultural neste país, problemas sociológicos que de uma maneira muito portuguesa foram varridos para de baixo do tapete e que só agora voltam a encontrar a luz do dia e a voz da opinião publica. E é isto, que as forças de cariz antidemocrático e de inspirações fascistas perceberam na perfeição. Perceberam que pela nossa história, o nosso povo não iria gostar que lhe chamassem de racistas, perceberam perfeitamente o erro da esquerda identitária e as fragilidades da democracia liberal. E é dessa percepção que o fascismo em Portugal volta a cavalgar passado 47 anos, da percepção que existem um conjunto de ideias estruturalmente erradas na psique portuguesa que ainda podem ser revividas, à semelhança do Estado Novo o nacionalismo português não é algo orgânico, mas sim um instrumento para um fim político.

É por isso que hoje no dia 25 de Abril de 2021 apelo à reflexão de todas forças democráticas, apelo à capacidade de autocritica, e à capacidade de transformação. A 3ª república em termos ideológicos vive a sua maior crise, sente-se um condicionamento da ação política de todos os partidos pelo fantasma do fascismo que paira na cabeça dos líderes partidários quando pensam nas legislativas de 2023. Apelo ao bom senso político, que a ética seja transversal da direita à esquerda. Acredito que vivemos um momento de transformação na nossa sociedade, vivemos hoje convulsões sociais muito próprias e sem precedentes na história portuguesa, iremos viver tempos conturbados onde os ideais de perfil antidemocrático vao continuar a subir e e a espalhar o odio e a desinformação.

Cabe a todos nos democratas seja de esquerda ou direita combater este movimento, provar à população portuguesa que a 3ª república ainda consegue oferecer respostas concretas para os problemas dos portugueses, temos que combater a descredibilização das instituições, os discursos marcadamente racistas fascistas e antidemocráticos. Mais do que nunca precisamos de nos inspirar em abril, precisamos de nos inspirar no espírito democrático e de concertação que todos os partidos fundadores da 3ª República e da Constituição tinham. O que esta em jogo nas próximas décadas é esta instituição fundada por tantas mãos, fundada com o sangue suor e lágrimas de muitos que faleceram para que o sonho democrático em Portugal vivesse. Inspiremo-nos nos heróis de Abril, para todos juntos combatermos as forças antidemocráticas de cariz fascizante, inspiremo-nos em Soares, Cunhal, Sá Carneiro e Freitas do Amaral, inspiremo-nos em todos os camaradas que deram a vida por esta nobre causa. Inspiremo-nos na revolução e nos seus valores para as lutas que hoje travamos. Gritemos todos bem alto e em uníssono "25 de Abril sempre. Fascismo nunca mais!"



# O estado de liberdade: pacífico, consciente e belo

/ OPINIÃO

Haverá algo mais belo na vida do que a liberdade em uso? É uma questão para todos os campeões da ordem e lei, que, presos à própria ordem, creem a opressão sobre o povo, como a única forma de restabelecer a ordem das coisas.

A vida humana não é nada sem liberdade, pelo menos a que sentimos ter. Essa, está no centro da beleza da vida. Seja em casa, no nosso quarto (refugiados em nós mesmos) ou num local público, qualquer um, pouco precisa da tanta ordem imposta por outros, para viver bem e livremente. O mesmo acontece sobre as ações públicas, seja o povo, a querer escolher outro que o oriente, ou um grupo de militares a reestabelecer a liberdade, a beleza, também aí, pode ser encontrada, na mais pura das ações.

Enquanto a liberdade sugere alternativas, muitas vezes protetoras do pacifismo e consciência individual, por outro lado, a lei e ordem, pura, ameaça o que de mais belo há nas nações e nas vidas de cada um de nós. Num estado de liberdade, os seres que nele e dele participam, descobrem diariamente a paz da própria vivência livre e consciente, há mais do que um mero caminho, pois nesse estado alcança-se plenamente o verdadeiro desenvolvimento. O estado de liberdade é libertador da criatividade diversa, capaz de estabelecer na mesma ordem (disciplina cívica) e lei, mas plural e livremente estabelecida.

Portugal libertou-se no dia 25 de Abril de 1974, emancipou-se para restaurar a sociedade livre, trazendo os portugueses de volta ao melhor estado/disposição possível. A própria revolução, delineou o caminho de volta, e fê-lo por meios proporcionais à necessidade, sem baixas, sem violência.

Aos campeões da ordem e lei, ou lei e ordem, (da forma que mais lhe convier), os portugueses livres, respondem: sai daí! Liberta-te desse estado ofuscante do teu carácter, e tenta escolher tu o teu caminho para chegar ao mesmo destino.

/ TIAGO COELHO

# 25 de Abril

## / OPINIÃO

É difícil para nós, filhos do século XXI, imaginar o que foi acordar no dia 25 de abril de 1974. A que cheirava a rua? Havia nuvens no céu? Como terá sido "emergir da noite e do silêncio", nas palavras da Sophia? Oxalá nunca obtenhamos uma resposta para essa pergunta, e para que tal aconteça, há que manter bem viva a memória dos que lutaram pela vida em democracia em que hoje vivemos. Como o marinheiro atado ao leme pela vontade do Rei D. João II, muitos houve espalhados pelo país que se entregaram à luta pela liberdade, e que por mais assustador que fosse o mostrengo, dela não desistiram. A cada ano que passa a luta pela memória do 25 de abril reveste-se de maior importância, e cabe-nos a nós, que não conhecemos senão a vida em democracia, lutar por ela todos os dias. Que a história dos 48 anos de ditadura fascista nos lembre do valor da liberdade democrática que, mesmo com todos os seus defeitos, continua a ser a garantia de um espaço onde todos sem exceção possam lutar por aquilo em que acreditam. Devemos muito a quem lutou pela nossa liberdade. Termino recordando uns versos de Manuel Alegre, na sua "Trova do Vento que Passa":

*Mas há sempre uma candeia  
Dentro da própria desgraça  
Há sempre alguém que semeia  
Canções no vento que passa  
Mesmo na noite mais triste  
Em tempo de servidão  
Há sempre alguém que resiste  
Há sempre alguém que diz não*

Que o tempo de servidão não volte nunca mais. Viva o 25 de Abril!

/ LUÍS DUARTE

# De geração em Geração

/ OPINIÃO

Nós, jovens afortunados, não sabemos (felizmente) o que é viver em constante sobressalto, num Estado sem liberdade, que destilava a desconfiança entre vizinhos, amigos, familiares, que idolatrava um homem com uma visão específica do país e do mundo. A nossa geração não sabe o que é viver em guerra, o quanto custa estar à espera que pais, filhos, irmãos, maridos, regressem do campo de batalha nas Colónias. Conhecemos a história, sim, mas nunca a experienciámos.

Abril marcou a geração dos nossos avós. Foi memorável. Mas é curioso. Os nossos pais lembrar-se-ão para sempre onde assistiram ao 11 de Setembro; e nós dificilmente esqueceremos o que foi viver a Pandemia. É curioso porque, ao contrário dos jovens e dos nossos pais, cujas gerações ficam marcadas por eventos sombrios, os nossos avós tiveram a sorte de viver um dia de orgulho e patriotismo, onde nem tudo o que se seguiu foi notável... mas onde a luz da esperança e da liberdade nunca fora tão forte.

Por isso mesmo é importante recordar o 25 de Abril, ou mesmo o 25 de Novembro, mas mais que os dias em si, é imperativo nunca esquecer o que esses eventos significaram. É importante recordar que por mais dúbios e lastimáveis que os nossos tempos possam parecer, é possível dar a volta. É crucial não olvidar o porquê da Revolução dos Cravos ter sucedido, não apagar da memória o que foram os 36 anos de Estado Novo, tanto o bom, como o mau, pois esse período é um alerta para todos nós: os valores que hoje damos por adquiridos, como república livre e democrática que somos – embora com espaço para melhorar – se não forem respeitados, se forem sonogados ou subvertidos, poderão degenerar-se.

Dos mais velhos aos mais novos, de Norte a Sul, da Esquerda à Direita, se há algo que todos concordam é que graças a Abril a liberdade não tem dono.

/ JOÃO QUARESMA

# Mulheres, Cravos e Liberdade

## / OPINIÃO

Deus, Pátria, Família. Homem que sustenta, mulher que é sustentada.

É um facto inegável que, no período de Estado Novo, a mulher era cidadã submissa e de segunda ordem, por oposição ao marido- que deveria ter- e que era peça fundamental e indispensável na manutenção do regime.

Por conseguinte, durante o salazarismo, à mulher estava negado o sufrágio universal e incondicional. Estava-lhe relegada e adjudicada a dependência face ao marido, sendo que precisava da autorização do mesmo para viajar, comercializar e tomar contracetivos. Estava a ele vinculada pelo contrato do casamento, não podendo dele divorciar-se. Estava-lhe negado qualquer tipo de privacidade e qualquer tipo de existência própria.

A mulher existia na sombra do marido- existia por ele e para ele. E, apesar do seu papel inegável no que à manutenção da casa, trabalho doméstico e educação dos filhos concernia, a verdade é que, dizendo por parcas e escassas palavras, a mulher era perto de nada.

No entanto, com o 25 de abril e com a Revolução dos Cravos, que trouxe liberdade ao nosso país, também o papel das mulheres se alterou e liberalizou. De facto, tudo o acima mencionado foi revogado e a mulher passou a ser tratada como indivíduo igual ao homem em todos os âmbitos. Não mais estava dele dependente, passando a ter acesso universal ao voto, a poder aceder a cargos que lhe eram anteriormente negados, a ter acesso a consultas de planeamento familiar, a ter igual voz dentro do seu seio doméstico e a deixar de ter primazia sobre o trabalho doméstico- que deve ser partilhado.

A mulher passou, em suma, a poder ser e a poder existir enquanto tal. O 25 de abril foi, assim, fulcral para a emancipação da condição feminina. Por certo ainda não está tudo feito e ainda temos um longo caminho pela frente, mas, não obstante, este foi o ponto de partida que, em Portugal, permitiu a todas nós hoje ter uma vida independente, autónoma, sem necessidade de correlação ou associação para com um homem para sermos reconhecidas enquanto indivíduos com voz e expressão. Passámos a poder ter um dizer na nossa vida e a reivindicar mais e mais direitos. Passámos a poder votar e a estar representadas na política, trazendo para a ribalta os assuntos que nos importam e que permitem a nossa libertação. Passámos a poder ser abertamente feministas, sem medo de repercussões ou sem receio que o nosso discurso seja censurado.

Celebrar o 25 de abril é, portanto, celebrar um dia de todas nós, é lembrarmo-nos que dele não resultaram apenas benefícios a nível político, mas também a nível social e de igualdade de género. É lembrarmo-nos que uma luta feminista deve ser, inevitavelmente, uma antifascista e que- se hoje podemos fazer (quase) tudo o que homens fazem- é tudo devido a este dia.

Viva, portanto, a democracia!  
Viva o 25 de abril de ontem, de hoje e de sempre!  
Fascismo nunca mais!



# Cabo Delgado: Um Rescaldo dos Sinais ignorados

/ PEDRO TRIGO

Nos últimos três anos, Moçambique tem assistido na sua província mais a norte, Cabo Delgado, uma crescente sequência alarmante, de vários ataques terroristas levados a cabo por forças autointituladas Al-Shabab com forte ligação ao Daesh. Não é por isso de admirar que tal situação tenha culminado nos recentes ataques de 24 de março, cujo epicentro, na vila de Palma, gerou uma das mais brutais diásporas de refugiados dos últimos anos num tão curto espaço de tempo, não só na história daquele país, como porventura de toda a África. Estamos a falar de uma situação que resultou, ao fim de pouco mais de 3 semanas, em 700 000 deslocados internos e num número de mortes ainda por definir (dados da ONU), o que nos dá uma noção global da grandeza da tragédia que assola neste momento aquele país.

As descrições dos ataques obtidas através de quem testemunhou em primeira mão a sua violência, não deixam qualquer sombra para dúvidas sobre a monstruosidade dos mesmos, como de resto já foi suficientemente descrito pela imprensa portuguesa e internacional. Desde recrutamentos forçados de crianças e adolescentes para as fileiras destes grupos, até à decapitação de corpos, são mais do mesmo as histórias que repetidamente vamos ouvindo, num eco já um tanto semelhante ao de outros atos fundamentalistas praticados por diversos

locais do mundo. Infelizmente, pela natureza da sua distância, a mente habituou-se a ouvir, mas a não estabelecer com estes uma relação maior que um mero misto de empatia e, acima de tudo, pena por tal desumanidade. São demasiados os problemas que o próprio mundo desenvolvido tem tido de enfrentar desde o início da pandemia e, por isso, receio que a disposição para suportar as “dores” destes países sofredores, nunca tenha sido tão escassa como agora.

É por isso num momento como este que o papel de Portugal, enquanto ator internacional, deve ser posto à prova. Moçambique era nem há 50 anos, parte integrante do território português, e digo-o não na busca de qualquer tipo de paternalismo ou de hipotética alusão a um passado mais grandioso, mas sim na constatação que o povo moçambicano é, de facto, nosso conhecido; nosso irmão e sobretudo nosso amigo, e como tal o sofrimento a que este tem sido continuamente sujeito não nos pode continuar a ser apenas mediatizado e sonante, depois de premidos os gatilhos. Falamos de um país que há pouco mais de dois anos sofreu um ciclone que arrasou na zona da Beira grande parte da sua já débil estrutura social e económica; de um país com governos sucessivamente incapazes de controlar a totalidade do seu território; de um país altamente sensível a uma situação pandémica, que só não é mais gritante pela falta de dados disponíveis sobre a mesma e, sobretudo, tudo isto culminado num país cujos níveis de desenvolvimento são uns dos mais baixos do mundo, apesar da sua abundância em metais preciosos e gás natural.

Para mal do povo moçambicano, creio que o seu governo não tem atuado também no seu melhor interesse no rescaldo desta tragédia. A recusa da intervenção de tropas estrangeiras de países amigos foi, e é a meu ver, um exercício de orgulho por parte do governo da Frelimo, cujo resultado apenas é prejudicial a uma salvaguarda mais solidificada das populações daquela região, que, entretanto, aos poucos, vão regressando a sua casa, muitas ainda na procura dos seus familiares desaparecidos. Ao invés disso, o governo moçambicano tem preferido contratar forças estrangeiras de mercenários, cujos meios e intenções são neste tipo de ambientes altamente voláteis e, por vezes, até contraproducentes aos interesses de uma população altamente exposta e sem real proteção do estado.

A photograph of two women walking away from the camera on a dirt road. They are carrying large, dark-colored baskets or bundles on their heads. The woman on the left is wearing a light blue long-sleeved shirt and a light blue skirt. The woman on the right is wearing a light-colored short-sleeved shirt and a patterned blue and white skirt. The background shows a dry, hilly landscape with sparse green vegetation under a clear sky.

Do nosso lado, as declarações do Ministro dos Negócios Estrangeiros português ao Expresso, no passado dia 19 de abril, certamente não ajudaram a apaziguar a minha inquietude sobre aquela que é afinal a verdadeira posição do estado português sobre este assunto. Apesar da romântica dialética sobre a nossa necessidade de ajudar um estado irmão em apuros, a qual aliás partilho em base, o ministro acaba sempre, no momento de finalizar o discurso, a chutar para um canto chamado UE, não assumindo sobre si qualquer tipo de verdadeira liderança ou responsabilidade histórica. Ao invés disso, prefere debitar chavões, do género “quanto mais rápido nos ajudarem a ajudar, nós ajudamos”. Esta é uma posição cinzenta na qual eu certamente não me revejo, e que acaba apenas por ser uma cara-metade da mediocridade apresentada pelo governo moçambicano, sem que haja por parte de ambos os países uma coordenação que pudesse maximizar o verdadeiro combate à violência de carácter fundamentalista que assola aquela região. O estado português, conformou-se assim, implicitamente, com a situação atual, reduzindo a sua estratégia de ajuda a um mero treinamento das tropas moçambicanas, algo francamente insuficiente para conter a verdadeira bola de neve que está em marcha, que mais que a violência dos ataques em si, é a facilidade com que os recrutamentos para estes grupos extremistas continuarão a ser feitos, sobre jovens que sem qualquer tipo de verdadeira alternativa à extrema pobreza, vêm nestas novas causas um rumo mais credível a uma vida já à partida sem perspetivas.

Se até em ambientes supostamente desenvolvidos, como na Europa Ocidental vimos isto a decorrer, não é preciso grande capacidade dedutiva para perceber o efeito dominó que o fundamentalismo islâmico poderá provocar numa região já de maioria muçulmana e tão carenciada socialmente a todos a todos os níveis como é Cabo Delgado. Perante aquilo que me parece ser uma evidente falha conjunta das entidades com responsabilidades governativas sobre esta tragédia, resta-me então apenas o apelo social à necessidade que me parece haver de um auto de reflexão por parte de cada um de nós.

Sim, estamos a falar de um país geograficamente distante, cuja proximidade cultural, apesar da língua, não é automaticamente óbvia, em particular para a minha geração que cresceu já na ausência de um

Portugal com províncias além-mar. Mas o facto é que, para todos os efeitos, traçamos com o povo moçambicano um passado e antepassados comuns, e por isso temos o dever moral de não ficarmos indiferentes a uma situação que, ao continuar orientada sob os mesmos moldes, estará sobre a pena certa de se repetir no tempo, numa escala ainda maior.

Neste âmbito, faço uma audaciosa equiparação à necessidade de mobilização com a que houve na sociedade portuguesa, pela luta da independência de Timor-Leste no final dos anos 90. Apesar das devidas distinções, a começar pelo facto de estarmos a falar aqui de um opressor (Al-Shabab), bem mais invisível e de estatuto legal diferenciado do Estado indonésio, não são seguramente menores as angústias e inquietações pressentidas por parte do povo de Cabo Delgado, perante um monstro que tão rapidamente aparece, como desaparece no vasto mato daquela região.

Assim, face à rigidez e ineficiência da política externa portuguesa sobre esta matéria, proponho que pelo menos na sociedade civil, não deixemos cair este assunto, começando, em primeiro lugar, por divulgar nos diferentes meios de comunicação que tipos de ajuda, sejam elas alimentares, materiais, voluntárias ou até profissionais, podemos providenciar a algumas das necessidades mais imediatas destas populações. Complementarmente a isto, deve haver uma divulgação das instituições onde tal tipo de meios e serviços podem ser entregues. Assim, por uma vez que seja, não deixamos cair um assunto com a gravidade desta natureza até que já seja de novo tarde de mais.

É certo que face à conjuntura apresentada, o que eu ou o leitor possamos fazer, será sempre pouco do ponto de vista da totalidade da problemática. Afinal, a chave fundamental para um decurso estruturalmente positivo sobre Cabo Delgado, está em primeiro lugar nas mãos do governo moçambicano, cuja posição de base já aqui fiz abertamente questão de criticar. Não obstante, tudo o que possa ser um passo na consciencialização generalizada deste tema poderá seguramente fazer desabrochar a partir dela iniciativas e projetos que terão efeitos positivos naquela tão pouco sortuda região.

Gostava de finalizar com uma homenagem especial, a uma pessoa a quem sempre que lhe foi dado o devido espaço, nunca se calou sobre esta já augurada tragédia. Estou a falar do jornalista e analista de política internacional da SIC Notícias: Nuno Rogeiro. Ao longo dos últimos anos, nunca se inibiu de falar da bomba-relógio que esteve sempre na iminência de explodir naquela região, mas que todos nós escolhemos convenientemente ignorar. Enfim, que venham mais Nunos Rogeiros, que, se deus quiser, nós estaremos cá para os ouvir.



# Operação "Leão Marinho"

/ LAURA GUIMARÃES

A Segunda Guerra Mundial foi palco de algumas das maiores intervenções militares conhecidas, fomentando o desenvolvimento de táticas para uma guerra com pouca margem para perdas. As Forças Armadas envolvidas avançaram, naturalmente, com diversos planos de contingências consoante os desenvolvimentos da guerra. Com isto, criou-se quase que um submundo de operações que até hoje ficaram por ser concretizadas e cujos resultados hipotéticos decerto despertariam a curiosidade histórica de qualquer leitor. Um desses casos foi a Operação "Leão Marinho", desenvolvida pelas Forças Armadas alemãs.

Desde o estalar da guerra que a Alemanha nazi sabia que teria de considerar a possibilidade de invasão da Grã-Bretanha, desenvolvendo estudos (que eram correspondidos do lado oposto para uma possível invasão alemã do território britânico), para delinear o plano mais adequado para tão ambicioso objetivo.

É importante expor os factos que compunham a realidade de guerra no verão de 1940. Inglaterra, apesar de se sentir sozinha (após França ter caído às mãos da Alemanha em maio de 1940), não apresentava sintomas de enfraquecimento moral, o que, contudo, não invalidava as suas carências de recursos a nível de armamento.

O lado alemão, que tinha tido superioridade numérica na Batalha de França, via a sua aviação já a recuperar-

-se, reagrupando esquadilhas e estabelecendo-se nos aeródromos franceses e belgas, preparando uma possível invasão à Inglaterra.

A Operação "Leão Marinho" apoiava-se em alguns dados especificidades constituíam pontos de tensão entre os três ramos das Forças Armadas alemãs, que se digladiavam quanto à sua execução, que exigia grande coordenação entre os mesmos. Seguindo uma diretiva de Hitler, de 16 de julho, afirmando que o mesmo estaria a preparar uma operação de desembarque em Inglaterra cujos preparativos teriam de estar finalizados em meados de agosto de 1940 (embora o Führer estivesse esperançoso de que Inglaterra pediria a paz, e reconhecia as dificuldades da execução da operação em questão), começaram-se a avaliar possibilidades de invasão do território inglês, baseadas na conclusão de que esta só poderia ser executada cumprindo, no mínimo, um trio de premissas base.

Primeiramente, para a Alemanha era claro que a invasão, a partir dos territórios franceses e belgas já conquistados, teria de ser feita através do estreito canal da Mancha, em direção à costa sudeste de Inglaterra – a costa inglesa mais fortalecida, com as suas principais bases de flotilhas e os portos mais fortificados (já desde a silenciosa, mas presente possibilidade de ameaça francesa pré-guerra). Este era também o ponto da ilha onde os ingleses tinham maior rapidez de atuação, usando o potencial de combate dos seus três ramos de Forças Armadas.

Em segundo lugar, o desembarque teria de se dar em setembro, a altura mais favorável para as fases das marés e da Lua, a primeira por razões óbvias de navegação, e a segunda visto que o momento do dia desejável para a operação se suceder seria durante a noite (com desembarque de tropas entre o início do crepúsculo náutico matutino e o raiar da aurora), pelo que alguma luz do luar seria bem-vinda. Dado que em outubro começariam as tempestades equinociais e os nevoeiros, a operação teria efetivamente de acontecer no nono mês do ano – informações previstas corretamente por Inglaterra ao preparar planos de defesa para uma possível invasão alemã.

A terceira premissa comandava a necessidade de supremacia aérea, visto que sem domínio do espaço aéreo por cima de navios de transporte e dos locais de desembarque, seria impossível executar a operação, sendo, portanto, essencial destruir a Royal Air Force e o sistema de aeródromos entre Londres e o mar. Só a Força Aérea poderia acompanhar a Marinha (que transportava o Exército), e supervisionar condições para um desembarque relativamente seguro, neutralizando ou eliminando ameaças que pudessem surgir (que decerto surgiriam).

Contudo, na necessária cooperação entre os três ramos das Forças Armadas alemãs, surgiam negociações e debates sobre as melhores estratégias e locais de desembarque para cada ramo de acordo com as suas capacidades e limitações, o que acabou por custar à Alemanha tempo precioso. Por fim, o plano final contemplava 13 divisões do Exército (Inicialmente seriam 40, mas por falta de navios tinham sido reduzidas), que desembarcariam ao longo da costa inglesa.

Nas primeiras vagas de assalto desembarcariam 11 divisões, que, em um cenário positivo, em uma semana avançariam até linhas previamente assinaladas. É de admitir que as tropas alemãs estavam bem armadas, mas a sua maior desvantagem nesta situação era a falta de navios para este empreendimento.

A 1 de setembro de 1940 era já notável o aumento da circulação de navios alemães na zona, contra os quais a Royal Air Force fortemente reagiu, por já saber das intenções alemãs através dos seus serviços secretos. Era seguro afirmar que surpresa operacional não estava do lado alemão e o seu inimigo estava preparado para a defesa e determinado na sua vitória.

De modo a cumprir a terceira premissa da invasão, a Força Aérea Alemã tinha primeiro a missão de derrotar a sua contemporânea inglesa. O facto é que detinha superioridade numérica, mas os líderes dos três ramos alemães apresentavam níveis de confiança heterogéneos na operação, revelando hesitação.

Cada um dos três ramos apoiava-se nos pontos a seu favor na operação supramencionada, deixando as desvantagens para os outros dois, o que exponenciava dúvidas e atrasos na operação, que, a não se realizar, teria de ser adiada até maio do ano seguinte. De facto, a 30 de agosto o Estado-Maior da Marinha alemão anunciou que os preparativos não ficariam concluídos a tempo devido a ataques britânicos contra a Armada de invasão alemã.

Entretanto, a Alemanha soube que alguns dos seus espões haviam sido capturados pelos britânicos, e admitido as datas para a operação, tornando a necessidade de invasão iminente para os alemães, antes que Inglaterra colocasse as suas forças defensivas totalmente a postos. Contudo, a semente da dúvida e da discórdia tácita já havia sido plantada e estava a dar os seus frutos.

O facto é que à medida que o tempo passou, o sentimento alemão face à operação "Leão Marinho" foi-se invertendo, tendo a confiança dado lugar à dúvida crescente. Ademais, a constante fricção entre ramos das Forças Armadas alemãs era bastante real, sendo possível denotar falta de cooperação entre demasiadas personalidades que queriam o prestígio apenas para si.

Esta forma de olhar para a guerra seguramente contrastava com o trabalho em equipa inglês, firme, confiante, desenvolvido em ambiente de cooperação e encarando sempre a possibilidade de invasão de modo sério e pragmático.

Hitler, embora ciente das dificuldades da operação em questão, acreditava que a mesma tinha de ser considerada como o meio mais eficaz para uma conclusão rápida da guerra, mas o futuro revelaria planos bastante diferentes para os anos que se avizinhavam.

Com demasiadas fragilidades, premissas difíceis de concretizar e um inimigo que estoicamente se mantinha fiel aos ideais que defendia, a Operação "Leão Marinho" acabou por não ver a luz do dia, deixando apenas a ideia de que fosse qual fosse o desfecho, as baixas seriam catastróficas de ambos os lados, resultando numa grande perda traumatizante e naturalmente debilitante para ambos os lados.



# O Sentimento de Ser Europeu

/ GABRIELA DA SILVA TEIXEIRA

O que é ser europeu, e em que consiste esse sentimento? O que distingue identidade europeia de cidadania? Será que existe o sentimento de cidadania europeia? Estas são as perguntas que levantei ao escrever o ensaio académico que agora adapto a este artigo de opinião.

A União Europeia é, na sua génese, um projeto de paz entre todos os povos europeus. Hoje em dia, a UE reúne 27 países, cerca de 446 milhões de cidadãos e 24 línguas oficiais, tendo como principal objetivo aproximar os Estados-Membros, num sistema internacional em que todos estes são soberanos e independentes. Contudo, parte da soberania estatal é abdicada em prol da junção de forças e benefícios de todos os países (Comissão Europeia, 2014, p. 3)

## Identidade europeia VS cidadania europeia

O que distingue identidade europeia de cidadania europeia? De modo geral, a identidade europeia, não foi criada com o propósito de ser algo característico de um povo, mas sim com o propósito de ser um «... conjunto de sentimentos e afinidades - e também de rivalidades - extremamente variáveis, imprevisíveis mesmo, a nível nacional, regional, étnico, cultural, religioso ou tribal.» (ec.europa.eu, 2014). Por sua vez, o conceito de cidadania europeia, debruça-se sobre o conjunto de direitos e liberdades concretas a que os cidadãos europeus têm acesso (ec.europa.eu, 2014).

O conceito de **identidade europeia** nasce de um desenvolvimento das relações humanas, numa época em que as comunidades partilhavam interesses com outras coletividades por quem tinham fortes afinidades (Fernandes A. T., 2001, p. 7). A construção gradual do sentimento europeu acresce em 1973, com a "Declaração sobre a identidade Europeia" redigida na Cimeira Europeia de Copenhaga. Hoje em dia, com a criação dos símbolos europeus, do passaporte europeu, dos programas de mobilidade europeia, da cidade Europeia da Cultura, e das redes sociais dos órgãos da União Europeia, a identidade europeia enraizou-se no pensamento das gerações pós queda do Muro de Berlim em 1989.

Já o conceito de **cidadania europeia** acarta com uma discussão mais ampla da palavra e incide sobre os princípios e valores da U.E. Esta cidadania foi criada em 1993, com a assinatura do Tratado de Maastricht, tendo como principal objetivo reforçar e promover a identidade europeia, entre a população dos Estados Membros, a partir de uma maior participação dos cidadãos no processo político de integração europeia, este estatuto não substituiu a cidadania nacional, apenas a complementa (Artigo 9º do TUE e nº 1 do artigo 20º do TFUE). Por fim, a conceção desta definição teve como propósito estabelecer um equilíbrio político num contexto muito específico, que foi o processo da institucionalização a moeda única (Moura, '99, p.30).

É assim importante perceber se impacto e a relevância que o conceito de identidade europeia e de cidadania europeia trouxeram, foi vantajoso a nível da dicotomia instituição-cidadão (Santos & Silva, 2011, p. 4), uma vez que este novo compromisso supranacional estabelecido entre estas duas entidades encontra ausência de deveres, e por isso podem ser descobertos alguns pontos fracos neste acordo. Gernard Delanty, aborda esta questão com alguma preocupação devido à falta de solidariedade e justiça que este conceito aparenta apresentar (Santos & Silva, 2011, p. 5).

Já Aihwa Ong, aborda a questão como não relevante nem atual, uma vez que a cidadania europeia deve «... encontrar outros significados de acordo com os movimentos globais que marcam a política contemporânea» (Santos & Silva, 2011, p. 5). Porém é importante não esquecer que o principal objetivo de uma identidade e cidadania comum, é a promoção da paz e união, não de separação e independência.

Em suma, a cidadania europeia atua a nível dos direitos do homem e da participação cívica, social e política (Fernandes A. T., 2001, p. 18). Enquanto que a Identidade europeia, atua a nível da pertença e da afetividade, estando diretamente interligada com a dimensão emocional e efetiva, e não apenas racional da população dos Estados-Membros (Fernandes A. T., 2001, p. 19).

### **O Sentimento de ser Europeu**

As implicações que a cidadania europeia transferiu aos Estados-Membros, tiveram um impacto geral positivo entre os mesmos e as sociedades europeias, principalmente nas novas gerações. Porém, como em todas as decisões políticas, este conceito gerou alguns sentimentos contraditórios em relação ao seu objetivo, levando a divisões ideológicas no que diz respeito ao verdadeiro propósito de criação deste conceito.

Um estudo realizado pelo Parlamento Europeu a uma parcela dos cidadãos europeus de cada Estado-Membro, sobre "Fazer parte e Sentir-se Ligado à União Europeia", revela que houve «Aumento do apoio dos cidadãos a serem membros da UE; uma grande maioria prefere uma resposta europeia aos desafios globais em vez de ações nacionais» (engscribo.europarl.europa.eu, 2017). Estes dados concluem que cada vez mais os cidadãos dos Estados-Membros confiam no projeto europeu, e querem ser representados pelo mesmo no sistema internacional. Sendo assim, é notório que o sentimento dos cidadãos europeus, em relação à sua integração no projeto é positiva, e têm vindo a aumentar de forma graduar desde a crise financeira de 2007 (europarl.europa.eu, 2017).



O sentimento de ser europeu é desenvolvido sobretudo na crença de que o projeto europeu é um projeto de paz e que a União Europeia deve continuar a fortalecer este propósito na ordem internacional. Este sentimento vai assim além do conceito de identidade e cidadania, tendo como principal fundamento a confiança nas instituições europeias e nos seus Estados-Membros.

**Ser europeu é, simultaneamente, ser cidadão nacional e cidadão europeu, dentro de uma união, num mundo global.**

### **A oposição ao projeto europeu – O Euroceticismo**

Para alguns, tanto o projeto europeu, como o conceito de identidade e cidadania europeia, é algo negativo para o avanço da sociedade, pois estes acreditam que a União enfraquece o próprio Estado. Ou seja, estes entendem que a identidade europeia assenta em valores humanistas e tem uma vocação universal, permitindo assim que as pessoas se revejam nela (Fernandes J. P., 2016). Porém esta é uma questão paradoxal, uma vez que estes conceitos podem ter efeitos contrários na sociedade, visto que «...abrangência dos seus valores, retira, ao mesmo tempo, especificidade a quase tudo o que possa ser visto como exclusivamente europeu» (Fernandes J. P., 2016).

O movimento euroceticista que atualmente se sente advém da crise da Zona Euro, uma vez que o modo de como lidar com esta questão divide opiniões. A crise da Zona Euro de 2007, gerou um ressentimento entre os Estados-Membros, levando a acusações sobre a falta de solidariedade europeia (ex.: caso da Grécia), aumentando assim um sentimento de nacionalismo (Fernandes J. P., 2016).

Nos últimos anos têm se notado um crescimento gradual dos nacionalismos e da extrema-direita na U.E, estando estes atualmente no poder de alguns Estados-Membros. Os populistas, têm como objetivo usar os fracassos políticos, a nível nacional ou europeu, para cultivar um sentimento de frustração entre os cidadãos, manipulando a situação e colocando a culpa não na democracia em si, mas sim direção política, com o intuito de acabar com o projeto europeu.



### **O Futuro da União Europeia – Propostas sobre a cidadania**

Devido aos movimentos populistas, cada vez mais acentuados no contexto europeu, é importante fazer face a estes através de uma nova abordagem europeia, que tem como objetivo educar os cidadãos de como a U.E é necessária e importante para que a paz se mantenha. Ou seja, a restauração da confiança dos cidadãos europeus no seu projeto base, passa por alterar as narrativas e práticas que estes têm em relação à U.E, em prol de promover e reforçar o sentimento europeísta.

Luc Van den Brande (2017), conselheiro especial do presidente da Comissão Europeia, apresenta algumas propostas no sentido de redesenhar o diálogo entre a população europeia e as respetivas instituições, através de uma nova abordagem e atitude. Brande entende assim que o fundamental é colocar os interesses do cidadão no centro da ação política, com o intuito de reconquistar a confiança do povo europeu no projeto (Brande, 2017).



As propostas baseiam-se assim em quatro eixos fundamentais como (Brande, 2017):

- A elaboração de políticas que correspondam com os problemas dos cidadãos, uma vez que a população não está interessada em discutir apenas factos, mas sim em discutir escolhas em relação à resolução dos problemas;
- A implementação de uma democracia mais participativa, e que coloque o cidadão como protagonistas da ação política na União;
- A exploração de novos instrumentos de comunicação, de forma a facilitar o acesso dos conteúdos aos cidadãos, sendo que as novas tecnologias devem constituir, um elemento fulcral de partilha de informação entre a U.E e os seus cidadãos, de modo a promover não só um sentimento de proximidade entre todos, como também dão voz a cidadãos de toda a Europa;
- E a definição de uma nova abordagem na qual os jovens sejam destinatários prioritários, as gerações futuras são a chave do desenvolvimento europeu e como tal, devem ser ampliadas novas práticas de incentivo a que estes se tornem os novos líderes europeístas do projeto europeu.

## Conclusão

Em suma, o sentimento de ser europeu, advém da vontade e da crença que cada cidadão tem na União Europeia e no seu futuro. A formação de uma identidade europeia, isto é, do sentimento em si de ser europeu, passa por uma reforma no conceito de identidades particulares, nacionais, locais e regionais (Fernandes A. T., 2001, p. 29).

O processo de desenvolvimento deste sentimento vai depender assim do desejo que a população europeia tem pelo sucesso da união, pelo respeito dos direitos, valores e normas, em prol do reconhecimento da identidade europeia na ordem nacional e internacional. Pois que, quem compõem a União Europeia são os seus cidadãos, não as suas instituições políticas.

A União Europeia tem assim se revelado fulcral no sentimento de união entre os povos. É necessário que esta continue o seu bom trabalho tanto na representação dos seus cidadãos na ordem internacional, como no combate aos problemas comuns, como na inovação das políticas institucionais, de modo a aumentar o sentimento de identificação europeia por parte dos seus cidadãos.



# Inteligência Artificial e Blockchain

/ BEATRIZ SILVA

É impossível negar o facto de que a Inteligência Artificial e o Blockchain são duas das grandes tecnologias atuais. Estas têm vindo a acelerar o ritmo das inovações e originar mudanças em vários setores.

Provavelmente, a disseminação da tecnologia Blockchain e o avanço da Inteligência Artificial terão, nas próximas décadas, grandes efeitos sobre o nosso estilo de vida, semelhantes ao que o surgimento da distribuição de corrente elétrica teve na transição do século XIX para o XX, ou ao que a disseminação da Internet teve na transição do século XX para o XXI. Por essa razão, é importante sabermos, primeiro, o que são esses fenómenos e, segundo, que tipo de mudanças e oportunidades nos trarão.

## O que é a Inteligência Artificial?

A Inteligência Artificial é um tipo de tecnologia que tem como objetivo criar dispositivos que consigam simular a capacidade de raciocínio do ser humano, a habilidade de tomar decisões independentes e de solucionar problemas. Refere-se à teoria e ao desenvolvimento de sistemas de computador que podem executar tarefas que caracteristicamente requerem inteligência humana.

A pesquisa sobre este tipo de tecnologia surgiu há décadas atrás e encontra-se em constante processo de evolução. Em 1950, Alan Turing publica pela primeira vez, na revista Mind, Computing Machinery and Intelligence, um artigo pioneiro sobre Inteligência Artificial onde surge o que até hoje se intitula Teste de Turing, um teste por meio do qual se pretendia testar a capacidade de uma máquina de se comportar de uma forma semelhante ao ser humano. Por meio deste trabalho, Turing perguntava “Pode uma máquina pensar?”

Apesar de existir há décadas, foi apenas recentemente que se verificou um grande avanço neste setor com, por exemplo, o Natural Language Processing (a capacidade de processar linguagem humana), Machine Learning (a capacidade de aprender coisas novas sem programação e apenas dados) e Deep Learning (a capacidade de reconhecer padrões em sons e imagens).

Assim, a Inteligência Artificial promete facilitar a automação de várias tarefas, além de possuir a capacidade de modelar cenários complexos com maior eficiência em comparação aos seres humanos. Esta trará um aumento de eficiência nas redes de distribuição, capacidade de compreensão e tradução da linguagem humana e reconhecimento ótico de caracteres, competências militares baseadas em simulações, veículos autônomos, entre muitas outras possibilidades. No entanto, a longo prazo tornará certamente a vida humana muito diferente do que é atualmente.

## O que é o Blockchain?

Este tipo de tecnologia surgiu juntamente com o Bitcoin, em 2008, no artigo Bitcoin: A Peer-to-Peer Electronic Cash System, de Satoshi Nakamoto, mas foi apenas no ano seguinte que as duas foram lançadas abertamente ao público.

O Blockchain foi pensado como uma forma de transferir Bitcoins de uma pessoa para outra de uma forma segura, imutável e confiável. Deste modo, ele consegue registrar diversas informações cruciais, como quem recebeu as moedas, quem enviou, que quantia foi trocada, quando a transação foi realizada, entre outros dados importantes.

Todas essas informações são agrupadas em blocos e armazenadas, sendo que, cada um, contém o registo que identifica esses dados. A cada 10 minutos um bloco novo de transações é formado e fica conectado ao anterior. Os blocos são dependentes entre si e compõem uma cadeia. A unidade de informação no Blockchain é chamada de transação e não representa necessariamente dinheiro, pode ser qualquer coisa, desde música até a uma propriedade. Cada utilizador possui uma identificação que permite saber quem está por trás daquele processo.

Assim, existe transparência no processo, partindo do pressuposto que a transação está registada em todos os computadores da rede e que qualquer um pode ver, e ao mesmo tempo privacidade, já que é necessário dos dados de identificação da transação e das partes envolvidas.

O Blockchain e a Inteligência Artificial são duas tecnologias que se estão a desenvolver em direções opostas. Enquanto a Inteligência Artificial se concentra predominantemente em informações rápidas e complexas que dependem de grandes volumes de dados e recursos de computação, a tecnologia Blockchain tem a capacidade de aproveitar esses recursos de dados e computação de maneira mais transparente e descentralizada, mas o seu processamento ainda é lento.

Por este motivo pode ser benéfico utilizar estes dois tipos de tecnologia como forma de se complementarem entre si. Quando utilizadas em conjunto, são capazes de promover a manutenção de privacidade de dados, permitir a criação de um Marketplace para algoritmos e permitir o lançamento de empresas autônomas descentralizadas.

O algoritmo inteligente da Inteligência Artificial pode ajudar a cadeia de blocos a reduzir o consumo de energia, garantir maior privacidade e a elevar o nível de eficiência. Em contrapartida, o Blockchain pode reduzir as barreiras de entrada no mercado, aumentar a confiança nos resultados e reduzir cenários de risco.

Por exemplo, o Blockchain cresce em um ritmo progressivo de 1MB a cada dez minutos e já contém um total de 85GB. Contudo, ainda pode enfrentar problemas de escalabilidade, pois muitas vezes é necessário excluir algumas informações para que ele funcione melhor. Com a Inteligência Artificial, será possível ter um sistema descentralizado e ainda mais eficiente. Além disso, algumas atividades da cadeia de blocos necessitam de muita energia para serem concluídas, algo que a Inteligência Artificial pode otimizar.

Por outro lado, uma das coisas negativas na Inteligência Artificial é a dificuldade em formar boas explicações para o utilizador. O Blockchain pode estabelecer uma cadeia de informações claras com uma rota precisa para que ela não se perca. Outro problema encontrado é que os robôs, muitas vezes, têm dificuldade em estabelecer um laço de confiança. Por isso, ter uma cadeia de blocos ajuda a trilhar os dados de forma confiável, além de melhorar a comunicação entre as máquinas.

Concluindo, por um lado a Inteligência Artificial adiciona inteligência e informação na captura de dados e tomada de decisões, por outro lado o Blockchain fornece integridade, segurança e descentraliza o ambiente no qual as transações ocorrem, o que pode contribuir muito para a melhoria do processo.

# "Um Português, um Ocidental e um Chinês entram num bar..."

Ontem fiz valer um prazer que julgava estar já adormecido num recanto da mente do *Homo-pandemicus*. Olhei o mundo de fora e pensei no futuro. No futuro das civilizações que o habitam.

Juntei-me a 3 amigos, em casa de um deles, — porque esta jornada não se faz a uma só mente — e ateei a questão: Já fizeram as vossas apostas? É melhor apressarem-se, porque a *odd* de o "Império do Meio" ganhar está a baixar para mínimos históricos!



## Contraditórios

/ LUÍS MIGUEL SIMAS

A gíria das apostas desportivas ajudou a despertar o interesse que, de outra forma, redundaria num diálogo amorfamente sóbrio.

Missão cumprida à primeira interjeição: "Nem me digas nada! Já inicie os treinos de comer com pauzinhos à refeição (sem elástico!). Tenho que ser um cidadão exemplar. Caso contrário, sou eu comido, e é o cavalo vencedor que vai lá receber, por mim, o prémio da aposta!".

Segue-se-lhe um postulado céptico, do segundo interlocutor: "A verdadeira aposta vencedora é não apostar até ao final do jogo. Assim que lavarem os cestos, vais lá brindar com qualquer que seja a casta de prova no banquete. Até lá, não semeaste ventos, nem pisaste uvas. Deixa as apostas para quem não tem nada a perder!".

Um terceiro conclui: "É nos jogos mais difíceis que as grandes equipas se revelam. Dizem que apostar no *underdog* é ser "do contra"; pois eu acho que nunca foi tão "a favor" de tudo. De tudo o que conhecemos, como o conhecemos. Não apostar na equipa "do coração", só porque está em baixo de forma, ou porque, à partida, tem menos probabilidades de ganhar, é perder uma oportunidade para celebrar com ela. Para celebrar em dobro. Vejam o caso do Sporting, esta época!"

Óptimo exemplo! - acrescentei. Quem me dera que os actuais governantes deste pequeno-médio Estado Atlântico e Europeu Sud-Occidental, fossem mais como os adeptos do Sporting Clube (que é de Portugal). Isto é, que não ignorem o apoio ao seu "clube" de sempre, mesmo quando os prognósticos não são animadores. Estes aficionados têm consciência de que são parte do motivo da derrota se não o fizerem, por isso, não desistem. Não desistem do "clube", nem desistem de si.

“Ou seja, na tua opinião, Portugal já desistiu dos valores ocidentais e dos parceiros tradicionais, para se abraçar à China?” - lança o segundo interlocutor, na minha direcção.

Um urso só hiberna de barriga cheia. Caso contrário, nem chega a entrar na gruta, e ataca ferozmente os inimigos que se atravessam entre si e a sua subsistência - introduzo. Tenho em crer que, Portugal, abastecido por uma, já longa, relação de proximidade com o Reino Unido, com a NATO e, mais recentemente, com as Comunidades Europeias — contudo, nauseado pelo seu complexo de inferioridade nessas mesmas arenas —, poderá estar a passar por uma síndrome de “barriga meio-cheia” (ou meio-vazia, dependendo sempre da perspectiva de quem observa). Essa condição — aliada a uma visão de curto prazo e imediatismo por parte dos actuais titulares institucionais —, remete ao estatuto instável de aparente neutralidade, num momento em que vários actores, na Europa de Leste e do Sul se apoiam, cada vez mais, no gigante do Oriente, após um período em que as principais potências atlânticas pareceram isolar-se (como consequência do *Brexit* e dos estragos provocados pela Administração Trump na ordem internacional).

### **Mas porquê aparente (a neutralidade)?**

É verdade que Portugal, no decorrer da sua vasta história enquanto Nação (e Império), sempre se assumiu com um pé na ponta da Europa e o corpo virado para o mundo. Isto incluiu, desde cedo, um estreitar de relações com os povos asiáticos de além-mar, com os quais mantinha uma intensa rede de trocas comerciais — o que, aliás, lhe conferiu certa alavancagem em casa, na orla europeia, onde, durante um par de séculos, foi considerado um *player* de relevo, precisamente, por via desta condição audaciosa de *pivot* comercial, geoestratégico e cultural.

Estes factos compõem a primeira base para a defesa, por parte de alguns, da posição “neutral” (entendida, por mim, como demasiado pró-chinesa) por parte do Estado Português. A segunda metade apologética deste edifício “neutral” passa — curiosamente —, de um argumentário histórico-cultural, para um cálculo utilitarista e circunstancial (à primeira vista, sustentado pelo primeiro) que mede o potencial de sucesso da empresa chinesa como inversamente proporcional ao da Ocidental.

“Exatamente! Acho que hoje, mais do que nunca, esses dois vectores se complementam, revestindo a actual tática portuguesa, de elevadas perspectivas de sucesso.” - devolve o mesmo interlocutor, acrescentando. “A China está à frente. Está à frente em termos económicos, financeiros e comerciais; está à frente em termos de *hard e smart-power*; está à frente em termos demográficos e territoriais; está à frente em termos do modelo de organização socio-político. Tem uma agenda secreta, dissimulada, sim, mas ao mesmo tempo previsível nessa dissimulação, pois tem um projecto de médio-longo prazo, logo, nunca se poderá desviar muito da sua linha estratégica. Por essa razão, conseguiremos subtraír uma maior fatia de dividendos, e saberemos sempre com o que contar. É um mal menor.”

Ah! Já percebi - exclamo.

E do mal não desconfiamos, não é? Já estamos à espera de que, quem promete o mal, cumpra o seu repto. Por outro lado, desconfiamos, sim, de quem nos oferece as fundações e as ferramentas para o Bem, pedindo nada mais que as respeitemos.





Curioso como, por vezes, conceitos da Filosofia e da Ética podem cortar à tangente o panorama, habitualmente, anárquico do Sistema internacional, sem pedir permissão a teorias dominantes ou estratégias que mais.

É precisamente disto que trata o dilema português que, a bem da Verdade, não é assim tão dilemático.

Contudo - atenção! -, não é meu intento iludir o leitor mais ávido. Não se trata apenas de uma batalha do "Bem" contra o "Mal", quer no sentido Agustiniano, quer na - cronologicamente mais recente e circunscrita - exposição de Reagan sobre o tema. É muito mais complexo, pois que o contexto é, também ele, incrementalmente multipolar e tem, paradoxalmente, tanto de global como de descentralizado. Já para não falar no crescente número de actores privados - individuais ou colectivos - que excedem as fronteiras e os paradigmas clássicos do Estado-Nação (ou até das Instituições e Organizações Internacionais, assim entendidas).

Aproveitando a narrativa histórica apresentada supra, proponho-me rebatê-la, nos mesmos moldes.

Começo por lembrar que Portugal só logrou colher dividendos, efectivamente, lucrativos dessa aproximação ao Oriente, por quanto teve o grosso da Europa do seu lado, na qualidade de cliente. Uma vez percebida a real dimensão de Portugal, no cenário internacional pós-descobrimentos, - para o qual Grotius muito contribuiu -, as grandes potências navais e comerciais europeias passaram, rapidamente, ao estatuto de competição feroz. Aliado a uma gestão pública deficitária, este último facto contribuiu para cimentar o óbvio:

Enquanto Portugal for um pequeno-médio Estado Euro-Atlântico, precisará sempre de reunir apoio e consensos em casa. Convénio, esse, que nunca deverá menosprezar, para bem do seu próprio progresso (a todos os níveis).



A tentativa de escapar a este desígnio, como meio de sustento da sua isolada nação autocrática, foi o que levou António de Oliveira Salazar a aguentar, até ao último suspiro, um império ultramarino que colapsava, precisamente, pela recusa em ser objectivamente livre, e em convergir com o resto do Mundo Ocidental, no progresso civilizacional e institucional que este último, à data, impulsionava.

Ainda assim, o hábil diplomata Salazar - um mérito ofuscado pela teimosia do seu regime - sempre reconheceu a importância de arenas de cooperação como a NATO e a EFTA e, acima de tudo, sabia que uma aproximação ao mal Soviético (ou qualquer um dos seus satélites) constituía uma linha vermelha, absolutamente, intransponível. Não apenas por razões de ordem interna, de antagonismo político-ideológico; mas da política externa portuguesa, e do saudável posicionamento de Portugal no equilíbrio de poderes do xadrez mundial. Ainda que isolado, nunca neutral, no que toca a questões de fundo; de Bem ou de mal.

Primeiro porque, tal como hoje, qualquer neutralidade tentada não passaria disso; de um esforço inglório e mal-visto no Mundo Livre, pois que impossível, dadas as circunstâncias lusas. Por último, mesmo na remota possibilidade de ganhar margem de manobra para consumir uma neutralidade *de facto*, constituiria um crime civilizacional, observar o progresso do mal e permanecer inerte, baixando a vista e encolhendo os ombros, num acto de profunda cobardia moral e ignorância estratégica.

O Portugal seguro, atractivo, moderadamente próspero, nos termos económicos, sociais e culturais dos dias que correm, é democraticamente avançado, inegavelmente livre, e intrinsecamente Ocidental.

Está ligado ao cordão umbilical das Instituições ocidentais que fundaram e garantem o Estado de Direito Democrático. Opera em zonas comuns de livre circulação de pessoas, bens/serviços e capitais, e recebe fundos de apoio à convergência nessas mesmas áreas. Assegura a sua integridade com recurso a tecnologia, equipamento e efectivos militares conjuntos, partilhados pela estrutura regional de cooperação em matéria de Segurança e Defesa, da qual é membro fundador - est. 1949.



Deste modo, Portugal terá sempre uma escolha em mãos. Uma que não se divide por três opções estratégicas distintas - como os interlocutores iniciais deste artigo poderiam iniciar -, mas que se reduz a uma lógica bipolar, opositiva.

Respeitar a aliança com os seus parceiros tradicionais - sob a qual se funda a sua própria gênese nacional moderna -, não ignorando a responsabilidade decorrente, no tocante à defesa dos valores demo-liberais com as devidas acções e/ou decisões correspondentes. Ou ignorá-la, comprometendo-a (e ao resto do Mundo). Existem diversas formas de o fazer. Recentemente, o Estado Português tem inaugurado algumas delas. Se não, vejamos.

### **O Caso Hong Kong**

A 1 de Junho do último ano, sete ex-ministros britânicos dos negócios estrangeiros endereçaram uma carta a Boris Johnson, exortando, este último, a encetar negociações com os seus principais parceiros de política externa, tendo em vista a formação de uma aliança global para coordenar uma resposta face à crise China-Hong Kong. No dia seguinte, sai para imprensa um comunicado do PM britânico, propondo atribuir passaporte britânico - com possibilidade de aceder à cidadania inglesa - a milhões de habitantes da referida Região Administrativa Especial (RAE), ameaçados pela "Lei de Segurança Nacional", imposta a Hong Kong pela Assembleia Popular Nacional (APN). Caso a China não reconsiderasse esta violação de direitos, liberdades e garantias individuais, naquela que, outrora, havia sido uma colónia Reino Unido, esta seria a opção a seguir, pois que não poderiam, "em boa consciência, encolher os ombros e seguir em frente".

O que o *cabinet* de *Downing Street* quis fazer, pareceu-me, à data, evidente. Tinha por objectivo sondar, informalmente, através dos media, quem mais poderia estar interessado em abraçar uma defesa conjunta da causa democrática (e geopolítica), no outro lado do mundo. Portugal não passou no teste, a partir do momento em que escolheu ignorar este *call for action*. Para além de renunciar ao argumento da velha aliança - tão recorrente na oratória dos representantes institucionais portugueses -, a ausência de cooperação, manifestamente, aberta e imediata, por parte de um Estado que, na última década do século passado, partilhava lugar na mesa de negociações com a China, pela questão de Macau,.... deixou muito a desejar, aos olhos ingleses.

### **O Caso 5G**

Pouco tempo depois, a 26 de Setembro do mesmo ano, o Embaixador Norte-Americano em Portugal confirma o aviso, "*Se não tivermos parceiros confiáveis na rede de telecomunicações portuguesa, mudará a forma como interagimos com Portugal em termos de segurança e de Defesa*", a respeito da indecisão portuguesa face à permissibilidade (ou não) do 5G fornecido por empresas chinesas como a Huawei. Os EUA conhecem o conceito de neutralidade impossível.

### **O Caso BRI**

Já neste ano de 2021, a 24 de Março, o Council on Foreign Relations lança um *report*, informando quem ficará dentro ou fora da iniciativa chinesa 'Belt and Road'. Portugal e a Suíça são os únicos estados da Europa Ocidental que participarão e anuirão directrizes camufladas do Comité Central do PCC. Para os menos consternados, acrescento: Portugal não é, nem nunca foi uma Suíça.

## O Caso Macau (ou "TDM")

Também em Março deste ano, cerca de quarenta jornalistas da Rádio e Televisão Pública de Macau (na sua maioria portugueses) foram convocados para uma reunião com a Comissão Executiva da estação. Haviam sido aprovadas nove novas regras que a passariam a constituir a nova matriz editorial. Entra elas, consta a obrigatoriedade de passagem de conteúdos de patriotismo e defesa de Macau e Pequim.

Existe uma base legal, quer no Direito interno da RAE de Macau, quer no Direito Internacional, que colhe forma na Declaração Conjunta, assinada entre Portugal e a China, em 1999, prevendo um regime de 50 anos de absoluto respeito pela autonomia Macaense. Faltam 28 anos e a China parece não querer esperar. O Executivo português demorou duas semanas a reagir à situação, e fê-lo de forma pouco assertiva. Provavelmente, vai ter de começar a repensar melhor, quanto aos novos amigos que escolheu para brincar aos *vistos gold* e ao *Belt and Road*.

## O Caso Myanmar

Algures em finais de Março, início de Abril, o Conselho de Segurança das Nações Unidas reuniu novamente, para aprovar uma resolução que mencionasse sanções aos militares que levaram a cabo o golpe em Myanmar, que agora tomam para si, num despotismo bárbaro. A China foi o único membro do CS a vetar este documento, opondo-se à aplicação de sanções a este regime ilegítimo. Não é por acaso que, nos cartazes da população aprisionada pelas correntes dos usurpadores militares, se lê: "*Free Myanmar*", e não um qualquer outro conjunto de caracteres em mandarim. O apelo é internacional, dirigido à Comunidade Ocidental, classicamente defensora dos valores que querem ver restaurados no seu país.

Qual foi a (re)acção dos actores institucionais portugueses face à China? - "Amigos como dantes".

## O Caso da Imprensa Portuguesa

Para além de tudo isto, no espaço de poucas semanas, no presente mês de Abril (2021), o recém-encartado Embaixador Chinês em Portugal, Zhao Bentang, publicou duas crónicas, em dois jornais conceituados da praça nacional. O último deles, sobre as alterações ao sistema eleitoral Hong Kong, por parte da Assembleia Popular Nacional (APN) da China, que descreve como "promovendo o interesse integral da sociedade e o bem-estar da população". Não houve contraditório, nem uma nota que fosse, de um qualquer editorial de imprensa ou instituição pública.

## O Fim da Anegota

Infelizmente, estes factos são bem reais. Felizmente, a conversa inicial também.

Foram 3 horas em que se discutiram estratégias e linhas de acção da Política Externa Portuguesa. Ideias como, por exemplo, usar a aproximação à China para, com isso, obter *leverage* e, consequentemente, maiores "lucros" junto dos parceiros ocidentais tradicionais. Ou actuar enquanto intermediário de pequenas potências da comunidade lusófona.

Até percebermos, algures no meio do diálogo, que não seria possível estarmos, naquele momento, a debater opções de escolha ou a questionar decisões executivas, se não vivéssemos num país livre, em democracia. A clarividência dessa constatação fez-nos concluir que o melhor seria, de facto, defender o Bem (e os Bons), de tudo aquilo que constitui uma ameaça à liberdade de convívio, entre amigos, ao sol. Uma manhã onde se falou de tudo... desde futebol a política... desde o presente ao futuro... da Humanidade!



# Monarquia - Uma Questão de Futuro

/ SALVADOR SOMMER SACADURA

Em determinado seio familiar, poucos são os que ficam indiferentes quando um parente se casa, quando estes últimos têm um filho, ou quando alguém que nos é próximo e querido faz anos. Tudo isto são motivos para estar em festa com os nossos entes queridos e desejar felicidades e parabéns. Mas viver em família não é somente partilhar as alegrias, também se partilham mágoas, sempre que alguém no seio passa deste para outro mundo, ou quando há uma separação ou uma zanga que nos parece irremediável. Coisas que acontecem em todas as famílias sem a mais pequena excepção. Agora imaginem uma família maior. Uma família de 66 milhões. A família britânica no último ano, experienciou, a separação e uma zanga de um casal pertencente à Família Real, que não deixou nenhum lado feliz. Pior ainda, mas faz parte da vida, perdeu-se e um pai. Todos vimos na comunicação-social uma mágoa colectiva que só é comparável a momentos de tragédia humanitária. A solidariedade para com Isabel II foi notória. No fundo os britânicos não estiveram solidários com uma rainha, estiveram solidários com uma mãe ou com uma avó.

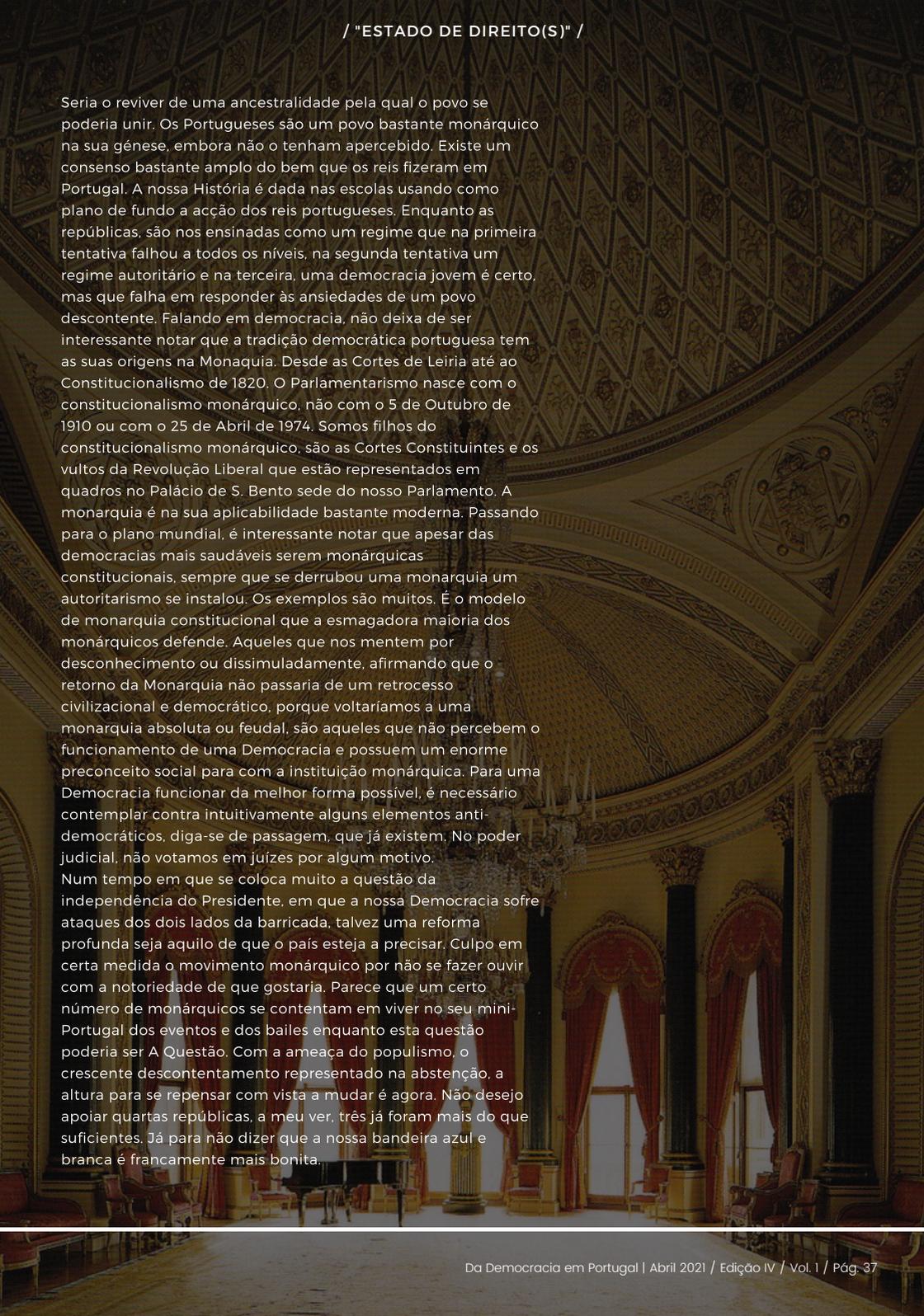
Monarquia é isto - Na valorização da família enquanto célula central de qualquer sociedade moderna e democrática, promove uma melhor comunhão de valores com a chefia de estado hereditária do que qualquer outra forma de regime.

Neste sentido, o ideário monárquico vai muito além das Ilhas Britânicas. Lembro-me perfeitamente de um curioso episódio da minha infância. No ano de 2011 estava eu no sexto ano de escolaridade, as aulas são abruptamente interrompidas para testemunharmos via televisão o casamento real do Príncipe William com Kate Middleton, hoje, Duques de Cambridge. Aquilo que nas Ilhas Britânicas e nos outros domínios da Commonwealth aconteceria nas escolas por questões protocolares, aconteceu numa escola da República Portuguesa por razões de espírito, de fascínio e de admiração. Nesse dia, senti-me daquela família.

Ao mesmo tempo, vivemos num país marcado por dicotomias parvas, porque apesar de nos deslumbrarmos com o esplendor da coroa inglesa, somos um povo que na sua maioria evita a questão monárquica porque diz defender a Democracia. Mas que Democracia é esta que nem se questiona? Que não se propõe reformar com medo de rupturas? É uma democracia coxa. Na opinião deste cronista assumidamente monárquico, este sistema e esta república em nada perfilham os valores da nacionalidade. Não estou a dizer que todos os males de Portugal têm a sua origem nos pecados da república, mas acredito piamente que uma mudança na chefia de estado poderia fazer a diferença. Um actor independente, educado desde cedo para o exercício das suas funções, sem amarras de interesses partidários ou corporativos, seria certamente um chefe de estado diferente dos últimos cento e poucos anos.

## Mas que Democracia é esta que nem se questiona? Que não se propõe reformar com medo de rupturas?





Seria o reviver de uma ancestralidade pela qual o povo se poderia unir. Os Portugueses são um povo bastante monárquico na sua génese, embora não o tenham apercebido. Existe um consenso bastante amplo do bem que os reis fizeram em Portugal. A nossa História é dada nas escolas usando como plano de fundo a acção dos reis portugueses. Enquanto as repúblicas, são nos ensinadas como um regime que na primeira tentativa falhou a todos os níveis, na segunda tentativa um regime autoritário e na terceira, uma democracia jovem é certo, mas que falha em responder às ansiedades de um povo descontente. Falando em democracia, não deixa de ser interessante notar que a tradição democrática portuguesa tem as suas origens na Monarquia. Desde as Cortes de Leiria até ao Constitucionalismo de 1820. O Parlamentarismo nasce com o constitucionalismo monárquico, não com o 5 de Outubro de 1910 ou com o 25 de Abril de 1974. Somos filhos do constitucionalismo monárquico, são as Cortes Constituintes e os vultos da Revolução Liberal que estão representados em quadros no Palácio de S. Bento sede do nosso Parlamento. A monarquia é na sua aplicabilidade bastante moderna. Passando para o plano mundial, é interessante notar que apesar das democracias mais saudáveis serem monárquicas constitucionais, sempre que se derrubou uma monarquia um autoritarismo se instalou. Os exemplos são muitos. É o modelo de monarquia constitucional que a esmagadora maioria dos monárquicos defende. Aqueles que nos mentem por desconhecimento ou dissimuladamente, afirmando que o retorno da Monarquia não passaria de um retrocesso civilizacional e democrático, porque voltaríamos a uma monarquia absoluta ou feudal, são aqueles que não percebem o funcionamento de uma Democracia e possuem um enorme preconceito social para com a instituição monárquica. Para uma Democracia funcionar da melhor forma possível, é necessário contemplar contra intuitivamente alguns elementos anti-democráticos, diga-se de passagem, que já existem. No poder judicial, não votamos em juízes por algum motivo. Num tempo em que se coloca muito a questão da independência do Presidente, em que a nossa Democracia sofre ataques dos dois lados da barricada, talvez uma reforma profunda seja aquilo de que o país esteja a precisar. Culpou em certa medida o movimento monárquico por não se fazer ouvir com a notoriedade de que gostaria. Parece que um certo número de monárquicos se contentam em viver no seu mini-Portugal dos eventos e dos bailes enquanto esta questão poderia ser A Questão. Com a ameaça do populismo, o crescente descontentamento representado na abstenção, a altura para se repensar com vista a mudar é agora. Não desejo apoiar quartas repúblicas, a meu ver, três já foram mais do que suficientes. Já para não dizer que a nossa bandeira azul e branca é francamente mais bonita.



# Um Ensaio Sobre o Feminismo - Como o Feminismo liberal falhou às Mulheres

/ INÊS SIMÕES

## **Feminismo**

Uns repugnam-se com a palavra, outros fazem dela o seu mote e a sua luta de todos os dias. No entanto, considero que o mais essencial aqui é o tipo de feminismo que é posto em prática, a maneira como o percebemos e o entendemos e, acima de tudo, a maneira como este percebe o sistema em si.

O feminismo, por isso, apesar de parecer um fenómeno unidimensional, é, conquanto isso, um muito complexo, um que se divide e debate entre si, na maneira de melhor alcançar a libertação e emancipação da mulher, entendida nas suas mais variadas vertentes e formas.

O feminismo liberal é, porém, aquele que tende a ser mais falado nos media, mais discutido, aquele que se encontra na dianteira da sociedade do século XXI. Todavia, considerar o feminismo liberal como o mais premente ou o único capaz de efetuar mudança é ignorar toda uma história onde o feminismo marxista ou radical mais fez pelas mulheres e pelos seus direitos do que o feminismo oriundo do liberalismo- do sistema considerado como mais exemplar.

Qual é, então, o problema do feminismo liberal?

O feminismo liberal, em primeiro lugar, é essencialmente performativo. Vemos isso, de facto, com a usurpação deste dia por parte de várias empresas e multinacionais, que usam o mesmo para vender mercadoria, para "fazer de conta que se importam", mantendo, ainda assim, toda uma classe trabalhadora feminina em situações precárias, de exploração, onde as suas necessidades não são tidas em conta. Efetivamente, celebrar o Dia da Mulher é reconhecer a sua origem socialista, é reconhecer o que levou à manifestação e organização das mulheres enquanto classe menosprezada no início do século XX.

Por conseguinte, um dos maiores problemas anexos a este sistema de pensamento, é o de apenas reivindicar direitos iguais, sem nunca dar um passo atrás para verdadeiramente perceber o porquê de o sistema- como o conhecemos- não dar a oportunidade às mulheres para se colocarem em igual patamar ao sexo oposto. Tal acontece porque- muito fruto daquilo que é o liberalismo em si- cada indivíduo ser considerado como igual e, portanto, nenhum direito lhe poder ser negado, muito menos devido ao seu sexo ou género escolhido. Em vista disso, vemos movimentos que supostamente procuram empoderar mulheres por atingirem posições de topo, mas que são falaciosos em si, porque de nada vale se uma mulher sobe aos lugares de maior importância, se da sua posição de poder não procura a emancipação de todas as suas congéneres. Poder por poder simplesmente não basta, é fulcral dele fazer o devido uso. De nada vale termos uma Kamala Harris enquanto primeira vice-presidente dos EUA, ou termos mulheres multimilionárias em situação de paridade para com os homens, se as mesmas vão continuar a não ter em conta a posição desvantajosa em que a maioria de nós se encontra.

Ser-se feminista não é apenas reivindicar direitos iguais, mas sim pedir a abolição de um sistema que, inevitavelmente, entende a mulher como um sujeito de segunda categoria, como um inerentemente submisso.

O feminismo liberal é um que nada procura mudar, que não procura colocar os homens e toda a sociedade patriarcal em responsabilidade, porque é desse mesmo sistema que o próprio beneficia. Este não tem em conta as diferenças culturais, económicas, sociais, simplesmente afirma: "Desde que o queiras, tu consegues", quando tal não é o caso. Beneficiar de um sistema patriarcal é fácil, quando se está dentro dele, quando se faz parte dele e quando para ele não se apresenta como uma ameaça.

É preciso, portanto, reconhecer que o liberalismo e o capitalismo, enquanto os conhecemos, não permitem a emancipação feminina. De facto, se o próprio sistema beneficia desta política de identidades e, acima de tudo, desta subalternização, porque haveria de mudar? Porquê diminuir a diferença salarial entre homens e mulheres, se as mulheres são vistas como dispensáveis e, desse modo, continuam sempre dependentes do homem? Porquê colocar a tónica da violação no homem, se a mulher- independentemente das suas escolhas- será sempre a culpada? Porquê efetuar a mudança, se o sistema me beneficia a mim? Porque chega, digo eu.

É necessário finalmente reconhecer que para a verdadeira libertação feminina é urgente um sistema que não beneficie desta quase segregação e, para tal, é necessário pôr em prática um feminismo que tome uma maior ação e partido pela condição feminina. Posto isto, introduzo aqui o feminismo marxista como um que abrange todas estas vertentes, como um que reconhece a posição subalterna da mulher e o seu papel essencial no processo de socialização e criação da força trabalhadora, no trabalho doméstico que exerce, na manutenção de toda uma classe em si. Por conseguinte, a libertação só será possível quando o capitalismo e o patriarcado, que se sustentam mutuamente, forem abolidos, destronados por meio da organização coletiva. Para tal, o feminismo marxista propõe, por exemplo, a remuneração do trabalho doméstico feito pela mulher- só assim, efetivamente, este será visto como fulcral e não apenas como um simples "ficar em casa a descansar, enquanto o marido esforçado vai trabalhar para providenciar e sustentar toda a família".

Por outro lado, o feminismo radical- apesar de, como o nome indica, poder ser um pouco mais extremista- considera também as instituições como inevitavelmente patriarcais, a mulher como inevitavelmente subalterna, toma os homens como os únicos beneficiários do sistema e, inclusive, do trabalho exercido por mulheres e advoga, também, pela separação entre homens e mulheres, pela abolição da família nuclear e pela sustentação de novas formas de organização sustentadas na figura feminina.

Claro está, estas formas de pensamento podem não ser suficientes, mas são pontos de partida, a meu ver, mais completos do que simplesmente reconhecer o feminismo liberal como o único eficaz. Com efeito, reconhecer a existência de um patriarcado, de um sistema que se baseia numa construção social do género e que trabalha, a partir daí, para a socialização e relação entre homens e mulheres, é meio caminho para efetivar mudança, para trabalhar para um objetivo comum de libertação feminina e, para surpresa de muitos, masculina. Libertação masculina na medida em que também o homem se liberta da necessidade constante de ser másculo, de providenciar e sustentar a sua família, de não estar em contacto com as suas emoções, de ser algo que não o típico homem que não chora, que gosta apenas de atividades masculinas e que rejeita todo o tipo de características femininas, como se de algo errado ou depreciativo nelas existisse- como se nós mulheres tivéssemos algo de errado em sermos da maneira como somos.

O feminismo é, por isso, mais necessário que nunca.

É necessário, porque o femicídio continua na ordem do dia.

Porque só no ano passado morreram, em Portugal, 27 mulheres vítimas de violência doméstica.

Porque cerca de 59% das mulheres em todo o mundo não conseguem ter acesso a legislação que lhes permita abortar.

Porque em países, como a França e a Suíça, a utilização da burca por parte de mulheres muçulmanas é proibida e vista como uma ameaça.

Porque uma mulher pode ser violada, assediada e a culpa será sempre dela. Porque uma mulher tem de sempre de se acomodar às escolhas do sexo masculino- porque "homens serão homens".

Porque o nosso corpo não passa de um instrumento e de um objeto político, cujas capacidades são determinadas por homens, cuja voz devia ser a última a ser ouvida neste tipo de decisões.

Porque 97% de todas as mulheres já foram vítimas de assédio sexual.

O feminismo é, desta forma, um assunto de todas e de todos.

O privilégio e o elitismo do feminismo liberal não podem, então, ter espaço neste tipo de discussão. O seu espetro reduz-se a um número muito limitado de experiências, não tem em conta a situação desfavorecida de mulheres de cor, mulheres pobres, cujo slogan "You can do it" simplesmente não é aplicável. Considerar que todas as mulheres estão em igual ponto de partida - mesmo tendo em conta a sua situação já desfavorecida à nascença- não só é falacioso, como desonesto.

Radicalizarmo-nos, refletirmos e consciencializarmo-nos é, assim, da maior urgência. A luta feminista é uma de todos os dias, uma de todas as idades e uma de todas as épocas. É uma que perdurará enquanto a mulher perceber o mundo como um sítio perigoso e instável, onde a sua condição está constantemente ameaçada e em risco.

Consequentemente, juntemo-nos, lutemos e organizemo-nos, porque são as nossas vidas que estão em risco.

**A POSIÇÃO EXPRESSA NESTE ARTIGO É PRÓPRIA E ÚNICA DA AUTORA, NÃO REFLETE A POSIÇÃO EDITORIAL DO JORNAL DA DEMOCRACIA EM PORTUGAL.**



## A Saúde Mental em Tempo de Pandemia

/ MARIANA SETRA

Escrevo-vos sensivelmente um ano e meio depois. Estamos, correntemente, no segundo desconfinamento progressivo e parece que ainda se opta por fazer referência apenas às repercussões palpáveis e visíveis. Não obstante, é notório que as sequelas ultrapassam o olho nú e não caem apenas sobre empecilhos monetários ou motores. É de se esperar uma enorme recessão financeira - falta de disponibilidade monetária, paralelamente à impossibilidade de manutenção de bens por parte da população - como também, uma alteração profunda no modus vivendi e operandi de cada um de nós. Soergue-se, assim sendo, a possibilidade de alteração da nossa capacidade de adaptação a tudo o que nos rodeia.

Não digo que desaprendemos a ser seres sociais, mas, por termos sido diminuídos a uma clausura - induzida - vai ser notório no foro das nossas relações.

Os últimos meses mostraram o quão alarmistas os média podem ser. Os jornais, papéis, rádios, podcasts e todas as outras fontes de informação conhecidas e usadas pela população, sincronicamente, geraram um pânico generalizado (se é que se pode qualificar o mesmo). Note-se que não estou a desvalorizar a situação ou a assumi-la de forma leviana, mas o choque e o ilusionismo provocado pelas notícias (que em tanto confiamos) levaram as mentes e os corpos ao extremo.

Por entre "tanto" alarmismo foi, e é, negligenciada a necessidade de avaliar (tanto individualmente como coletivamente) a saúde psicológica. Todas as idades, sexos e estratos sociais foram afetados de alguma forma. Ninguém se poderá afirmar totalmente indiferente com o desenvolver de uma pandemia como esta.

Enquanto um ser naturalmente social, a sobrecarga da limitação de quatro paredes afetou a minha visão em relação à sociedade e no que tange às pessoas que me rodeiam. Porquanto algumas pessoas conseguiram, dentro do possível, conviver pacificamente com a realidade cerceada, muitas outras não tiveram a mesma sorte (ou oportunidade). Não querendo "puxar a brasa à minha sardinha", tive a ventura de conseguir, dentro do meu agregado, estabelecer algumas rotinas que facilitaram a convivência e atenuaram o revés das limitações.

O sucesso da preservação da sanidade mental, por vezes prepóstera pelos nossos mass media, é paralelo a algum "trabalho interno". Para quem tiver disponibilidade e quiser perscrutar, apresento algumas medidas, acessíveis, em vista da guarda mental:

**1. Meditação** - Por não ser um recurso genérico ou generalizado, é alvo de grande desconsideração. Não obstante, sou adepta da meditação e levo-a como uma excelente medida contributiva para diminuição do stress, da ansiedade, ou até mesmo como um interruptor figurativo que ajuda a pôr "tudo" num plano mental "um bocadinho mais organizado". Usando a linguagem corrente da Cultura da Dieta, é uma espécie de "Detox para a Mente".

Todos nós levamos estilos de vida diferentes, convivemos em realidades distintas e possuímos também hábitos por si só, dessemelhantes; por essa mesma razão, a meditação pode não ser uma opção viável para a multiplicidade de pessoas e personalidades oriundas deste mundo extra-globalizado. Esta forma de reflexão e de pausa pode ser criativa e levada avante das mais diversas formas.

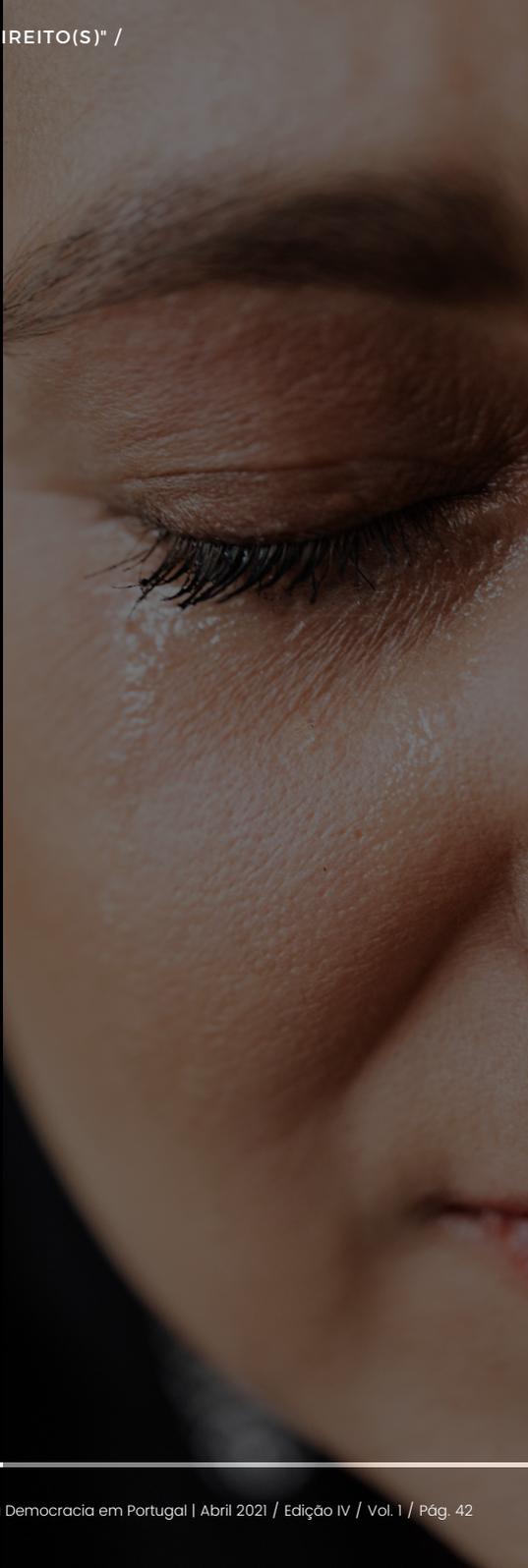
A cultura da meditação (se é que se pode classificar como uma) tem um cosmo comum: a arte da pausa. Traduz em quem a pratica, um sentimento de priorização pessoal e de obstrução da realidade envolta numa janela momentânea. Confesso que em tempos de muita sensibilidade e paciência diminuta, foi como que um arrimo na obstrução do negativismo e na redução da ansiedade.

Um incentivo para usufruir de um sentimento de acalmia em tempos difíceis.

**2. Mar** – “É preciso salgar os pés para lavar a alma”. Uma frase célebre, embora cliché, que acompanho desde a mocidade. Não querendo professar uma "lapaliçada", a sensação que sucede um mergulho no mar é indescritível. Há um sentimento de liberdade impagável, que faz diferença, especialmente em pandemia, quando o usufruto desse mesmo bem público outrora constituiu um crime. Um momento isento de máscaras, discriminação ou pressão por parte de qualquer medida usurpadora de privacidade a que somos vinculados. Para o português de alma piscatória e que viva perto de uma praia, a proibição de usufruir da mesma foi como que um pedaço da sua cultura lhe fosse retirado à mão armada.

**3. Criatividade** – Para mim a criatividade está ligada à noção de passatempo (hobby); algo ou uma "coisa" indefinida que inerentemente nos traz um bem-estar acrescido. Há quem pratique artes, há quem faça desporto, há quem goste de ler. Conto uma multiplicidade de formas, tantas como diferimos do nosso próximo. É um caminho que tem a sua graça, caminho esse que muitas vezes nos abre novas portas e nos expande os horizontes simplesmente por exercermos a nossa vontade, sem expectativas. Vou dar o meu exemplo: adoro pintar e criar em todo o latu sensu que a expressão engloba. Criar, de um rabisco a uma epopeia. O que imprimo em certa e determinada peça de arte, é uma matriz que espelha os sentimentos que pretendo esquecer e ou sobre os que intento refletir; e mais vezes que menos, ajuda no processo de desligar vínculos negativos e de aceitar tantos outros sentimentos que tão bem disfarçamos e que permanecem olvidados na aceleração normal da nossa rotina.

É um escape.



Não a título profissional, mas sim a pessoal, estamos com toda a certeza rodeados de pessoas que nem sempre conseguiram aceitar ou conviver da melhor maneira com estes tempos de elevada hostilidade e incerteza. Nomeadamente levando muitas vezes a um sentimento de mal-estar e de infelicidade extrema, que a ninguém devemos cobrar.

Devemos, sim, procurar ajudar, ouvir, ou até aconselhar, dentro das nossas possibilidades (sem ter uma correlação direta). Algo que influencia no processo de ajuda é a panóplia de meios tecnológicos que temos ao nosso dispor: derivando de uma rede de contactos que podemos usufruir em caso de qualquer incidente e ou de plataformas e sites que nos oferecem artigos elucidativos como nos concedem também importantes contactos.

A Ordem dos Psicólogos possui uma linha de ajuda que está ao dispor de todos nós em tempos em que questionar é o primeiro instinto.

Reforço que não é uma "vergonha" nem tampouco pessimismo, é uma situação que a todos afeta com mais ou menos intensidade; e é cada vez mais importante procurar ajuda nos mais próximos - ou se não for o caso - em organizações e neste caso em ordens, juntamente de profissionais qualificados, que nos podem ajudar.

Abaixo deixo alguns contactos em caso de dúvida, de necessidade de um ombro amigo ou até mesmo de uma palavra de conforto.

*#FalarAjuda*, o nome do movimento da ordem dos psicólogos - falar do que sentimos é uma ajuda para nós e para quem nos rodeia. Juntamente de 63 psicólogos a SNS lançou uma linha de aconselhamento psicológico.

*Aconselhamento Psicológico da SNS (24h): 808 24 24 24 - ao ligar, seleccionar a opção 4 para falar com um psicólogo.*

*SOS Voz Amiga: 213 544 545 / 912 802 669 / 963 524 660 (todos os dias das 16h00 às 24h00)*

*Sociedade Portuguesa de Psicanálise: 300 051 920 (dias úteis das 8h00 às 24h00)*

*Linha de Conversa Amiga: 808 237 327 / 210 027 159 (dias úteis das 15h00 às 22h00 | fins de semana das 19h00 às 22h00)*

Estas linhas de apoio são algumas das muitas opções de plataformas de auxílio, não somente psicológico, mas de companhia.

Estamos juntos, na luta do bicho invisível, sem vergonha e com toda a força necessária.

Unidos, sempre.



/ SOFIA VEIGA CARITA



/ VASCO SOUSA



/ CAROLINA MARGARIDO

# É no meio que está a verdade: o mal, o Humano e o bem

Não pretendo iniciar uma discussão religiosa, muito menos pretendo insultar qualquer leitor com as minhas divagações, mas penso que o assunto que trago hoje para cima da mesa é de um cariz filosófico extremamente interessante e que abre espaço para longas horas de conversa saudável. Convido-vos, assim, a abrir a vossa mente e a desprenderem-se de qualquer ideia fixa e que reflitam connosco.

Desde sempre me questioneiei, como qualquer criança carregada de esperança e da ingenuidade e inocência bela da infância, do porquê do mal existir; questionava tudo e questionava todos. Sempre me deram respostas que me levavam a um estado inconclusivo e que, logicamente, me insatisfazia.

Foi então, desde cedo, que me cruzei com a ideia de um Deus, a quem sempre olhei com alguma distância, mas com uma vontade única de conquistar. Lanço, então, a chave para esta conversa que espero que vos cative tanto quanto a mim, ao Vasco ou à Carolina. Como é que se coaduna o facto de Deus ser perfeitamente bom, ser onnipotente e, no entanto, o mal existir? E existir **tanto**. De tal modo existe que me questiono se será a natureza do Homem efetivamente maligna, mas isso já faz parte de outra questão.

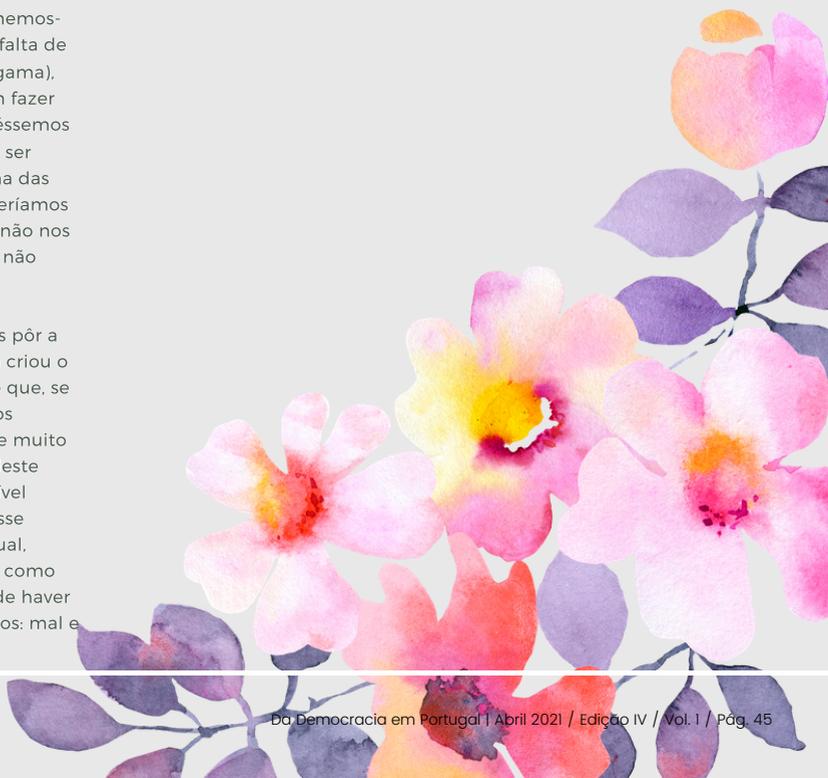


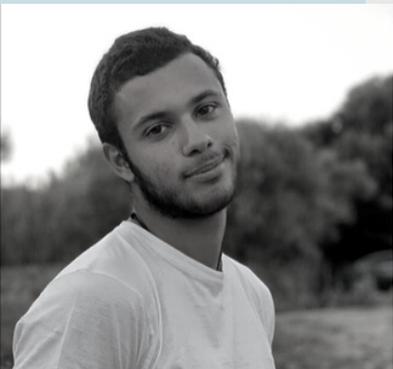
Sei exatamente a primeira resposta que se encontra na ponta da língua de qualquer um: o livre arbítrio - Deus criou-nos com capacidade de escolha. No entanto, na verdade, não somos inteiramente livres, sabemos que estamos restritos às nossas condições enquanto meros seres humanos, o que, a tocar o extremo e exagerado, não nos permite saltar 100 metros, por exemplo. Como digo, escrevo-vos quase em tom de divagação e, portanto, permitam-me mais uma - será que apenas não consigo conceber um terceiro elemento nesta equação, para além do bem e do mal, porque este elemento não foi criado por Deus? O que me garante que as minhas opções seriam sempre fazer o bem ou mal, caso conhecéssemos uma outra forma de agir? Onde entra aqui o livre arbítrio? Desta forma, como não conheço esse tal terceiro elemento, chamemos-lhe *Bal* (perdoem-me a falta de criatividade nesta amálgama), não faço, nem penso em fazer *Bal*. Assim, se não soubéssemos que existia o mal, íamos ser bons e tal seria mais uma das nossas limitações: não seríamos capazes de o fazer e tal não nos iria fazer sentir como se não tivéssemos livre arbítrio.

Por outro lado, podemos pôr a hipótese de que Deus já criou o mal de forma limitada e que, se assim não fosse, seríamos capazes de muito mais e muito pior. Ainda, e partindo deste pressuposto, é-nos possível pensar que se Deus tivesse limitado o nosso mal atual, iríamos sempre ver algo como sendo mau, isto é, tem de haver sempre estes dois opostos: mal e bem.

Ou, pensar que o mal é a ausência de bem.

Assim, quero colocar a minha questão final: No mesmo campo de livre arbítrio, porque é que Deus haveria de nos dar opções que têm resultados tão negativos? Teríamos livre arbítrio de igual forma se todas as nossas opções fossem obter resultados positivos, ou, pelo menos, menos negativos do que aqueles que vemos hoje em dia. Não posso deixar esta questão sem o contra argumento: Como é que se mede o mal? Pois bem, partindo do pressuposto católico de que Deus é um ser perfeito, Ele pode e sabe medi-lo, apesar de nós não o conseguirmos fazer de forma objetiva. No entanto, se até nós somos capazes de o identificar com tamanha facilidade, parece-me quase lógico assumir que, se alguma vez foi limitado, não terá sido o suficiente.





Para entender a religião temos de entender a moral que lhe está subjacente. A dicotomia entre bem e mal, liberdade de pensamento e conceitos como virtude e excelência de forma a desmistificar a doutrina cristã e os seus apoiantes.

Na teoria de Friedrich Nietzsche - O que é bom? - Tudo o que aumenta no homem o sentimento de poder, a vontade de poder ou o próprio poder; O que é mau? Tudo o que nasce da fraqueza.

A verdade está acima do bom e mau. Pergunto ao leitor o seguinte: O que é a verdade?

Para Kant, o conceito de moral é visto como essência do mundo - Nietzsche refuta - ensina-nos que a virtude é a nossa invenção, a nossa necessidade e defesa pessoal, não apenas regras formuladas em unísono para todos os seres humanos pois o puro respeito ao dever apenas diz respeito a quem o tem (em perspectiva pessoal) o dever vem da nossa virtude e portanto da nossa invenção, como a teoria moral de Kant.

O imperativo categórico é apenas justificado pela criação de uma razão, (ou virtude) a razão prática é a fundamentação da falsificação Kantiana que surge para se fazer ouvir enquanto um "tu deves". Sendo uma perspectiva apenas pode ser uma forma de resolver, nunca uma fórmula matemática como Kant nos apresenta.

Ao contrário da resignação da expressão "tu deves" procuremos a ânsia por mais, mais poder. Excelência, não a virtude (que é uma virtude no sentido renascentista, *virtu*, isenta de moralismos). Este moralismo vem do cristianismo, invertendo os papéis do bom e mau, do real forte (bom) e fraco (mau) para a inversão em fraco (bom) e forte (mau). Este cristianismo que travou guerra contra o homem forte, banuiu os instintos fundamentais deste homem, destilando na sociedade a percepção dele enquanto mau e pernicioso, abominável e proscrito.

É esta a ação do Cristianismo, que se opõe aos instintos de vida forte como ideal - corrompe a razão, os próprios valores da intelectualidade e nomeia-os como pecaminosos, como *tentações*. Esta é a inversão lógica dos conceitos morais operada por Nietzsche (ou desfeita por ele), a virtude é o vício e o vício a virtude. Qual é o vício mais nocivo? A compaixão da ação por todos os falhados e fracos - O cristianismo.

O cristianismo é niilismo, pela corrupção dos instintos e vontade do homem forte em prol de uma perversão da virtude e "divindade" que mais não é que uma decadência da força e poder associados ao instinto e à vontade humana natural. Dizem que Nietzsche é niilista, mas ele não substituiu uma crença errada por nada, em vez disso, substituiu-a pela responsabilização total do ser humano nas suas ações, quer na causa como nos efeitos.

Chamam ao Cristianismo a religião da compaixão. A força motriz do ser humano é negada e substituída devido a esta (co)emoção, tornando-se, no extremo, em depressão coletiva, como uma infeção - Compadecer é perder força - o sofrimento é multiplicado, mantendo os falhados, condenados e deserdados vivos como uma negação da vida coletiva. Nega a lei de seleção, a própria evolução da humanidade.

Nas palavras de Schopenhauer: "A vida é negada pela compaixão, a compaixão torna a vida ainda mais digna de ser negada". As palavras de um verdadeiro niilista moral que incita ao nada. Assim como um cristão que o substitui por expressões intangíveis e imperceptíveis como «além», «Deus» ou «a verdadeira vida». É uma tendência hostil à vida pela falta de responsabilização dada ao indivíduo, remetendo as ações ao pecado, desculpando-as pela culpa e expurgando-as pela confissão.

Esta maquinação aproveita para domesticar o homem e torná-lo doente dentro de uma sociedade onde os fortes são os que guiam estes valores morais e os anexam a uma vontade pessoal sob o jugo do cristianismo.

Aristóteles via a compaixão como um perigo, era necessário expurgar este sentimento. Para ele a purga era feita através da tragédia, para Nietzsche é através do pensamento individual que apenas pode ser atingido pelo isolamento para não deturpar a própria mente.

A crítica dirige-se à prática cristã após a morte de Jesus Cristo, o ódio carregado por Paulo, o homem que dá o nome ao livro, ele é o Anticristo, pela inversão que opera nos ensinamentos que lhe são deixados como herança: Negando a boa nova e criando a fé como princípio guia. A verdade da prática cristã está na ausência do ressentimento, não na fé ou no pecado - A religião encara-se pela conduta, para nos sentirmos divinos devemos viver, segundo os pressupostos de amor ao próximo, mesmo quando ele nos ofende - Jesus veio mostrar como a vida se vive, em vez da habitual leitura de que trouxe a redenção aos homens - leia-se forma de pensar e agir. Esta forma de agir é a aceitação, ou melhor *Amor Fati*.

Embora não seja tão radical na perspetiva que tenho em relação ao cristianismo, confesso que muitos dos dogmas associados ao pensamento cristão têm uma carga negativa - causas e iniciativas que beneficiam da ajuda cristã enquanto instituição não a têm apenas por capricho destes mesmos dogmas - conciliar a base de apoio com as escrituras torna-se uma tarefa cada vez mais difícil atualmente - em contraste, a ação do Papa Francisco tem sido positiva na aproximação à sociedade moderna (Deus ao Homem) e aceitação de outras religiões enquanto um pluralismo de opiniões e vontades.



Nietzsche diz-nos que Deus está morto. O que é bem diferente que dizer que a "fé" é um artifício que justifica as nossas mágoas mais profundas e os nossos pecados mais íntimos. A fé existe. Analisemo-la de outra perspectiva: talvez Deus não seja uma criação do Homem mas seja o Homem uma criação divina; e talvez o que o autor do Anticristo nos queira dizer é que, ao contrário do que muitos interpretam ao lê-lo, a religião não é uma utopia, exatamente por sermos nós, humanos, que ao esquecê-la, matamos Deus. Esquecemo-nos de a lembrar e deixamos que ela se extinga, cansados por uma vida vazia, sem esperança na sociedade em que vivemos, e pior, sem esperança em nós mesmos.

E tu que és crente, o que dizes em relação à morte de Deus? Provavelmente negá-la-ás com toda a força que tens e com toda a fé que te ilumina. Provavelmente dirás que, sendo a tua fé baseada no inconcreto, no espiritual, no ambíguo, milagrosa (por ser visível no milagre), injustificável e indescritível (pelo menos por meio da linguagem), não fará qualquer sentido negá-la por via de teses meramente teóricas. Por outras palavras, se a fé não se consegue explicar, porque apenas se pode sentir, não posso justificá-la ou negá-la teoricamente. E justamente por não a compreendermos, e, conseqüentemente, por não a sentirmos, não a poderemos negar perante quem a vive intensamente.



O mais controverso é negarmos a existência de Deus com base na própria religião. Isto é, negamos a existência do Criador, por sermos imperfeitos - verdade absoluta para todas as religiões conhecidas -, e por sermos pecadores. Negamos que existe algo superior a todos nós exatamente porque somos "pequenos" e porque sabemos que a vida é demasiadamente árdua com todos para existir um paraíso, um salvador de todos os homens, ou uma resposta para todos os males. Mas ao negar a religião com base na nossa imperfeição, apenas nos tornamos mais imperfeitos, uma vez que o primeiro passo, segundo a *psicologia*, deve ser assumir e reconhecer as nossas falhas. Negá-la por via do pecado que existe intrinsecamente dentro de cada um de nós, apenas reforça a ideia bíblica do pecado original. O Homem é imperfeito exatamente porque a tentação existe e porque a força humana consegue evoluir apenas através da superação da mesma.

Não cedendo ao mal, às tentações e aos perigos evitáveis, podemos evoluir e tornar-nos, nunca perfeitos, mas menos imperfeitos. Este foco que nos guia rumo à evolução espiritual e ao crescimento emocional/pessoal de cada um, é possível por acreditarmos que existe um bem maior superior a nós, por não o conseguirmos explicar, o que não invalida, de modo algum, que tal não exista.

E ser melhor pode ser acreditar que consigo amar o próximo ou que consigo ser melhor do que fui ontem. Não precisa de ser algo concretamente divino, como nos diz a religião. A religião de cada um deve ser adequada às falhas de cada homem, ainda que tenha, obrigatoriamente, de existir uma linha condutora, que salva os homens da anarquia total, e do inferno na terra. Essa linha é a fé, a esperança, e, em último caso, Deus.

Ser crente não invalida que possamos questionar o que é “bom” e o que é “mau”. Devemos, sem dúvida, questionar o quotidiano que damos por adquirido e fazer uma introspecção singular, no sentido de aprofundar a verdade absoluta, ou pelo menos a mais verdadeira (respeitando os *imperativos categóricos* de Kant). E acima de tudo, devemos procurar saber a origem da nossa ação, sem nos deixarmos cegar por religiões que nos ditam, sem possibilidade de debate, o que fazer.

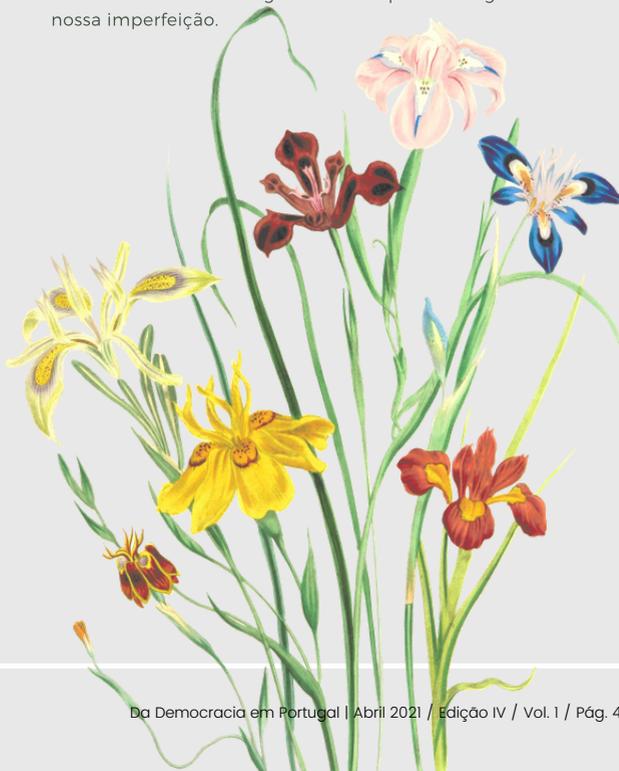
A racionalidade permite-nos pensar sobre a ação moralmente correta, e sobre a virtude *aristotélica*, de forma a compreender porque é que escolhemos matar Deus, e viver num mundo sem esperança. Será que nos esquecemos de acreditar no bem? Será que um mundo corrupto, baseado em políticas de descarte nos aprisionou a uma nova forma de viver? Porque também isso é uma religião.

O que a difere das outras é o seu *mote*, que passa a ser a indiferença e a apatia invés do “amor ao próximo”. Desprezar a fé é uma religião perigosa. Viver sem foco, sem direção nem objetivos é alarmante. Não apenas em termos morais, mas também em termos humanos. Se deixarmos de ter fé, e matarmos Deus como Nietzsche diz que já fizemos, a raça humana está perdida. E mais que desorientada, está em extinção. Seremos outro animal qualquer no meio da selva, vivendo de outros, através do canibalismo psicológico e da fome de poder político. E talvez Nietzsche não se revolte contra Deus, mas contra a humanidade que o matou.

Que triste realidade pensar que Deus nos fez imperfeitos na esperança de um dia encontrarmos paz interior, por vivermos altos e baixos, derrotas e vitórias, sofrimento e felicidade.

Deus acreditou que o sofrimento nos iria libertar da nossa imperfeição, da nossa ganância, e do nosso egoísmo; obrigando-nos a sofrer para nos purificar.

Mas ao invés de nos tornarmos melhores e de evoluirmos enquanto cidadãos na cidade do homem (segundo *Santo Agostinho*), trouxemos o inferno para a Terra e matámos a cidade de Deus. Se hoje a religião não existe é porque fazemos guerra em nome dela. Porque fazemos guerra em nome da paz, e porque criamos guerra dentro de nós próprios. Combatemos contra Deus, contra os nossos semelhantes, conosco próprios, mas esquecemo-nos de combater o nosso inimigo comum: o pecado original e a nossa imperfeição.





# Entrevista ao *Thirst Project* UCP

/ TELMA CASIMIRO

O THIRST PROJECT É UM PROJETO SEM FINS LUCRATIVOS, FUNDADO EM 2008 POR SETH MAXWELL. EM 2019, SURTIU EM PORTUGAL ATRAVÉS DA CONSTANÇA SANTOS SILVA. MAIS TARDE, VÁRIAS ESCOLAS, FACULDADES E GRUPOS FORAM CRIANDO NÚCLEOS DE APOIO AO PROJETO, FUNCIONANDO COMO INTERMEDIÁRIOS, RELATIVAMENTE, POR EXEMPLO, A ARRECADAÇÕES DE FUNDOS E DIVULGAÇÃO DO MESMO. ESTIVE À CONVERSA COM AS DUAS RESPONSÁVEIS PELO NÚCLEO DA UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA DE LISBOA, CAROLINA ORMONDE E MARIANA CAMPOS.

**thirst**  
PROJECT  
PORTUGAL



CAROLINA ORMONDE



MARIANA CAMPOS



FONTE: THIRST PROJECT

**Q&A:**

***Bem, antes de mais, como é que surgiu a ideia de trazer o Thirst Project para a Universidade Católica?***

**Carolina:** Começa com uma longa história. Uma antiga colega nossa, estudante da Universidade Católica Portuguesa, Joana Costa, teve a ideia de trazer o projeto para a Universidade. Depois, ela foi conseguindo angariar várias pessoas para o projeto, mas havia falta de organização. Mais tarde, a Joana acabou por sair do projeto, visto que tinha mudado de curso na altura, passando para mim, o cargo de responsável.

Então, a Mariana teve a ideia de reativar o Thirst. Juntámo-nos para termos efetivamente uma equipa bem construída, com entrevistas e departamentos bem estruturados, com maior ordenação.

***E tu Mariana? Quando é que decidiste iniciar ou, neste caso, retomar o projeto?***

**Mariana:** Então, eu já tinha ouvido falar imensas vezes do Thirst Project, desde o secundário, mas, efetivamente, não percebia bem de que forma é que me podia juntar.

Uma vez, vi um amigo meu publicar algo relativamente ao projeto em si e decidi saber se havia alguma equipa ativa na católica. Acabei por encontrar a página, que na época era gerida pela Carolina e pela Joana, só que não conseguia perceber se era uma equipa. Então acabei por enviar um mail para o Thirst Project de Portugal que me fez entrar em contacto com a Joana. Caso não conseguisse comunicar com ela, criava eu própria uma equipa, mas, eventualmente, consegui entrar em contacto com a Carolina.

***Como é que foi para ambas estar no controle de uma equipa recente, com pessoas diferentes, de cursos diferentes? Por vezes a motivação acaba por não ser a mesma.***

**Mariana:** Sempre gostei deste tipo de coisas. Até à altura do Thirst, ainda não tinha estado à frente de um projeto, portanto, foi um desafio gigante. Quando vi que a Carolina estava tão motivada quanto eu e com os mesmos objetivo fez-me questionar o porquê da inatividade. A motivação foi um fator fundamental (risos).

**Carolina:** Eu faço das minhas palavras as da Mariana. Mas acrescentava assim uma espécie de parêntesis, com um pouco de egocentrismo: eu acho que dá imenso crescimento pessoal. O facto de coordenarmos uma equipa tão grande, assim como o projeto em si, é todo um desafio. Saber que estamos à frente de um projeto desta dimensão, em prol dos outros e do quanto podemos contribuir para o seu bem-estar, bem como o nosso próprio crescimento e conhecimento que deriva da experiência, incentiva.

***E, atualmente, quantos elementos fazem parte da equipa do Thirst Project da Universidade Católica, em Lisboa?***

**Carolina:** E, atualmente, quantos elementos fazem parte da equipa do Thirst Project da Universidade Católica, em Lisboa?

***Efetivamente, são muitas pessoas. Como é que durante uma crise pandémica, conseguiram decifrar e filtrar as pessoas que atualmente constituem o projeto? Como é que percebemos se é realmente vontade de ajudar ou simplesmente embelezar o currículo, tendo em conta a experiência do ano passado?***

**Carolina:** Não percebes... é algo que se vai vendo com o tempo. Eu e a Mariana tentámos apostar nas entrevistas, de forma a descartar algumas pessoas que achámos que não tinham potencial para pertencer à equipa. Vários elementos se têm mostrado mais ou menos do que era esperado inicialmente. É difícil fazer uma filtragem porque aquilo que por vezes se demonstra numa entrevista, não corresponde ao que é revelado ao longo do tempo. Certos elementos falavam menos nas entrevistas, fazem mais do que os que manifestaram mais na mesma.

**Mariana:** Sim, eu concordo. Tentámos fazer entrevistas não tão vulgares que dessem para que as pessoas dessem opiniões mais sinceras, mas, obviamente, cada um tenta dar o seu melhor para querer entrar. Ao longo do tempo, vai sendo possível identificar quem é que tem o Thirst nas suas prioridades e quem é que não tem. Lá está, ao início, é muito difícil perceber ainda por mais, tendo presente o fator online. Estar em casa transmite algum conforto às pessoas para dizerem o que querem.

***E, no que diz respeito a angariações de fundos, como é que tem sido durante a pandemia? Claramente, têm de ser mais criativos relativamente à organização de eventos e na forma como captam as pessoas para contribuir. A adesão dificilmente deve ser tanta, comparativamente ao que se observou no Sunset do ano passado.***

**Mariana:** Não é nada fácil. É mesmo desafiante e sinceramente, isto em geral, para pessoas que se tentam abstrair com várias coisas durante a pandemia e a quarentena de forma a manterem-se ocupadas, com aulas, clubes e eventos, com cada um a querer provar que o seu é melhor e que vale mais a pena, acaba por nos tirar tempo o que acaba por ser difícil. Torna-se frustrante e acho que para nós é o maior desafio. Começa a tornar-se difícil arranjar coisas que realmente mantenham as pessoas interessadas. É preciso haver muita criatividade e até vontade da própria equipa.

***Seria caso de se dizer que, em termos de “arranjar coisas para fazer”, está tudo saturado e com ideias repetitivas?***

**Mariana:** Sim! O único meio que temos atualmente são as redes sociais e toda a gente está a usar o mesmo.

***E, relativamente ao projeto em si, qual é o principal foco?***

**Carolina:** A palavra principal é: Ajudar! São construídos furos de água potável que posteriormente duram vários anos, cerca de 30 a 50 anos, para famílias que tinham de andar quilómetros, cerca de 6h ou mais por dia, para irem buscar água que nem sequer era potável. Com a ajuda da Thirst, andam, atualmente, cerca de 5-10min já que têm água na própria vila. Deste modo, é também um grande auxílio para crianças que posteriormente vão ter mais tempo para ter acesso à educação assim como uma saúde melhor.

**Carolina, abordaste o fator educação. Como é que a falta de água afeta as crianças relativamente à educação? Tem a ver com fatores de saúde ou é mesmo por perderem tempo a ir buscar essa mesma água que nem chega sequer a ser potável?**

**Carolina:** O mais importante para nós é a saúde. Sem ela, não nos é possível fazer nada! Muitos deles nem comida têm.

**Mariana:** Exatamente! Não tendo saúde, a educação acaba por não ser uma prioridade ficando comprometida. Saem prejudicados porque não conseguem ter cuidados básicos. Torna-se numa bola de neve.

**E, relativamente a saúde, quais são os problemas, mais especificamente, relacionados com crianças e com a falta de água? Geralmente que faixa etária é que costuma ser mais prejudicada? Nós acabamos por não ter a mínima noção relativamente a estes factos.**

**Carolina:** A doença principal é a SIDA, mas depois, não há propriamente uma doença relacionada com a água que não é potável, mas sim, a presença de parasitas na mesma. Podem matar ou comprometer a própria saúde. Geralmente, são crianças mais novas que, por não terem capacidade para trabalhar na agricultura, ficam encarregues de ir buscar essa mesma água, entrando mais facilmente em contacto com a mesma.

**Mariana:** Exato! Na página do Thirst, existe uma lista de diversas doenças associadas a este problema. Por vezes, o melhor é não beberem sequer a água, visto que acarreta mais malefícios do que benefícios.

**Qual é que foi a história que mais vos emocionou relativamente a este problema?**

**Mariana:** Eu, sinceramente, não ouvi uma história específica. Contudo, existe uma muito conhecida que foi a razão que fez com que, a Constança tivesse trazido o projeto para Portugal- a história da Juliet. Mas, relativamente ao meu caso em específico, foi devido ao facto de ver pessoas da equipa do Thirst fazerem publicidade do projeto, que por sua vez, tem muito a ver comigo.

**Carolina:** A mim, o que mais me chocou, foi a história do Damon. Uma criança que dá o seu testemunho, referindo que o Thirst Project o viu a beber água de uma poça, vomitando de seguida praticamente tudo. Isto são o quê...10 palavras necessárias, que me fizeram querer ajudar de forma mais direta. É uma criança a brincar com os amigos, a estudar, a ter uma infância, a tentar sobreviver.

**De todo que são problemas de primeiro mundo! Meninas, o quão privilegiados somos por termos tão fácil acesso a um recurso como a água?**

**Carolina:** Muito!

**Mariana:** Muito mesmo! (risos) Acho que, lá está, somos tão privilegiados que nem pensamos nisso. Até este tipo de projetos nos passarem pela frente, sei lá, se tiver sede vou à cozinha e vou buscar um copo de água...não me custa. Que sorte a minha, ter água a 10 passos de mim (risos).

***E é certo que a temos de forma adquirida. Nem sequer pensamos em todo o processo que foi relativamente à descontaminação de água, por exemplo.***

**Mariana:** Completamente!

**Carolina:** Nós só sabemos o verdadeiro valor das coisas quando não as temos. Acho que, nesta situação, era preciso vivermos isso para darmos o verdadeiro valor porque quer dizer...tenho aqui um copo de água ao meu lado (risos). Vou ali ao café, peço um copo de água e não pago... pronto é isso!

***Verdade! E de que modo, é que o projeto vos enriqueceu? Foi um “abre-olhos”?***

**Carolina:** Imagina, causas humanitárias já estavam presentes na minha vida, já tinha os olhos mais abertos (risos). Não o suficiente porque provavelmente não devo, alguma vez experienciar a situação. Pelo menos assim espero. Foi, mesmo um “abre-olhos” em relação às relações humanas. Uma diversidade de opiniões e um crescimento pessoal enorme, percebemos que conseguimos crescer uns com os outros. É importante perceber que a minha opinião não é igual à do outro e tenho que saber estabelecer as coisas de modo a ter um equilíbrio. Foi aí que mais cresci no projeto.

**Mariana:** Comigo, em termos do objetivo do projeto, já tinha um bocadinho de noção disso, infelizmente ou felizmente. Provavelmente, atualmente estou mais informada por ter acesso a mais dados, obviamente, mas é muito como a Carolina está a dizer. A nossa própria equipa sugere várias opiniões e é necessário fazer com que as mesmas se complementem umas às outras. E, ainda por cima num projeto no qual não funcionamos individualmente, mas sim em colaboração. Somos apenas uma equipa e por vezes, acabamos por estar um bocado dependentes relativamente a coisas que podemos ou não fazer. Foi aprender a conciliar tudo isso, de baixo para cima e vice-versa.

***Última pergunta: porque é que este projeto se diferencia dos restantes?***

**Mariana:** Penso que seja dos poucos projetos que pegou em algo tão básico, um bem tão essencial, que para outros, não é de tão fácil acesso. Há muitos projetos de voluntariado, mas não tantos que tenham este foco tão específico e simples que é a água.

**Carolina:** É simplesmente isso!

FONTE: THIRST PROJECT



insti



“DRIFTING AWAY” - CHRISTINE BELL

tucional

# "IEPIANOS À CONVERSA"

## - "UM ENSAIO PASSO A PASSO"

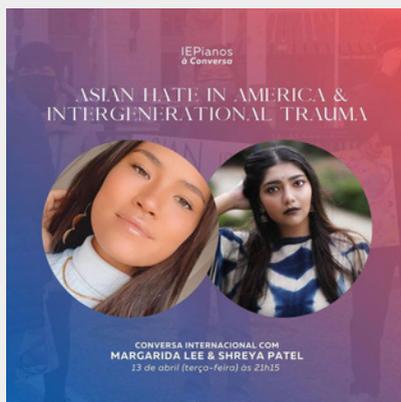


A Conversa Aberta "Um Ensaio Passo a Passo" foi realizada em homenagem aos ensaios Iepianos que os alunos do Instituto têm que realizar em diversas cadeiras, como *Geopolítica* e *Geoestratégica*, com o Professor Miguel Monjardino. Contamos com a presença de Helena Sequeira, Sofia Veiga Carita e Luís Miguel Simas, que, brilhantemente apresentaram as suas dicas e abordagens perante estes "gigantes". Cada um defendeu uma perspetiva distinta, contribuindo para o enriquecimento académico dos seus colegas.

## - "O IMPACTO DA PANDEMIA & A VACINA PARA A SAÚDE MENTAL"

A Conversa Aberta "O impacto da pandemia & a vacina para a saúde mental" visa sensibilizar os alunos do IEP para questões de saúde mental. Presidida por Britney Gonçalves e Mariana Setra, as alunas do Instituto apresentaram as suas perspetivas relativas ao tema. A Mariana escreve *inclusivé*, nesta edição, sobre o tema da saúde mental, para os mais interessados no tema.

## - "ASIAN HATE IN AMERICA & INTERNATIONAL TRAUMA"



A Conversa Aberta "Asian Hate in America & International Trauma" foi relativa à discriminação contra membros da comunidade asiática nos Estados Unidos - uma realidade particularmente evidente nas passadas semanas - e trauma intergeracional. Contou com a presença de Margarida Lee e Shreya Patel.



TODOS OS LIVES PODEM SER REVISTOS NA PAGINA OFICIAL DE INSTAGRAM DA AAIEP

# "ALTERAÇÃO ESTATUTÁRIA"

- UM APELO DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL DA AAIEP

A Mesa da Assembleia Geral da AAIEP relembra que a AGA Extraordinária realizar-se-á no dia 29 de abril, às 19:30, via zoom. Sem a presença de 144 Associados a AGA não se poderá realizar, de modo que a presença de todos os associados é fulcral. A Mesa conta convosco!

# "CIMEIRA DAS DEMOCRACIAS 2021 - IEP OPEN DAY"

O IEP realizou, dia 22 de abril, a já tradicional "Cimeira das Democracias", reativa, este ano, ao tema "A Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia". Evento onde escolas secundárias de Portugal inteiro participam para experienciar a vida dentro das Instituições Europeias, e a Diplomacia. Contámos com a presença do Dr. José Manuel Durão Barroso, a Comissária Dra. Elisa Ferreira, e o Sr. Embaixador Nuno Brito.



ATRIBUIÇÃO DO "PRÉMIO EUROSOLA" com o apoio do Gabinete do Parlamento Europeu em Portugal

A PRESIDÊNCIA PORTUGUESA DO CONSELHO DA UE  
**22 ABRIL 2021**  
**OPEN DAY**  
**CIMEIRA DAS DEMOCRACIAS**  
 POR VIDEOCONFERÊNCIA  
**PARTICIPE!**

COM O APOIO DE:  
 Parlamento Europeu  
 Instituto de Estudos Políticos

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES: OPENDAY.IEP@UCP.PT

IEP-UCP EST. 1996  
 EPF EST. 1993

ONLINE #STAYHOME

# SPRING SEMESTER SAVE THE DATES

**SAVE THE DATES**

**REVOLUÇÕES DA ERA MODERNA**

**SEMINÁRIO**

**QUINTOS FESTAS**

**12 JANUARY**

**22 FEBRUARY**

**8 MARCH**

**22 MARCH**

**10 MARCH**

**24 MARCH**

**EUROPEAN STUDIES SEMINAR 2021**

**JORNALISMO, POLÍTICA & ESPAÇO PÚBLICO**

**INTERNATIONAL SEMINARS**

**POLÍTICA EXTERNA & DIPLOMACIA**

**CIMEIRA DAS DEMOCRACIAS IEP - 2021**

**ALEXIS DE TOCQUEVILLE**

**2 JUNHO 2021**

**28-30 JUNE 2021 ESTORIL FORUM**

**2021 ESTORIL FORUM**

**espaço**



PHOTO: ARTTHOM FIVE - JACKSON POLLOCK

**cultura**

# Recensão do Livro *Três Retratos - Salazar, Cunhal, Soares de António Barreto*



/ JOÃO SALEMA DE SEQUEIRA



António Barreto (AB) retrata em *Três Retratos - Salazar, Cunhal e Soares*: Salazar - instaurador do Estado Novo, Cunhal - principal dirigente da oposição política e cultural ao regime e Soares, impulsionador do regime democrático e vencedor das pretensões do PCP de transformar a revolução de Abril numa nova ditadura e consolidou a democracia. AB analisa cada um individualmente e compara-os mostrando o que os aproximava (os três estudaram Direito apesar de em universidades e momentos diferentes). Além disso, ilustra como diversas áreas da vida política/partidária e aspectos da vida em sociedade eram para alguns considerados tabu ou para serem aceites sem reservas. Ademais, AB coloca os três homens no seu devido contexto histórico e relata como foram em parte resultado do referido contexto. Por outro lado, AB mostra como cada um desejava um Portugal diferente, ou seja, qual era a visão de cada um para um país no curto, mas também a médio e longo prazo. Consequentemente, AB consegue através de uma prosa simples explicar temáticas complexas e altamente controversas para todos os portugueses da história portuguesa do século XX. Entender o verdadeiro significado do 25 de Abril é examinar através de um homem livre como os três visados: viram o regime mais longo no século XX português, qual/quais o(s) seu(s) plano de melhor regime e o(s) significado(s) de liberdade - conceitos tão relevantes, contudo poucas vezes clarificados para o grande público.

# SUGESTÕES CULTURAIS



FONTE: NETFLIX

## "SEASPIRACY: PESCA INSUSTENTÁVEL"

"Um cineasta apaixonado pelo oceano parte para registar a devastação que os humanos infligem às espécies marinhas — e descobre uma alarmante rede de corrupção global."



FONTE: NETFLIX



FONTE: NETFLIX

## "FORMULA 1: A EMOÇÃO DE UM GRANDE PRÊMIO"

"Pilotos, agentes e proprietários de equipas vivem a vida a mil — dentro e fora da pista — durante todas as implacáveis temporadas de corridas de Fórmula 1."

## "MARCO POLO"

"Passada num mundo de ganância, traição, intriga sexual e rivalidades, "Marco Polo" baseia-se nas aventuras do famoso explorador na corte de Kublai Khan."

# SUGESTÕES CULTURAIS

FONTE: IMDB



## "GRAND BUDAPESTE HOTEL" (2014)

Em 2014, o realizador americano, Wes Anderson, apresentou ao mundo, a sua representação dos anos 20's, e consequentes mudanças históricas, nomeadamente, o sistema financeiro global e o fenómeno da mundialização, como dizem os franceses.

FONTE: IMDB

## "O BOM REBELDE" (1997)

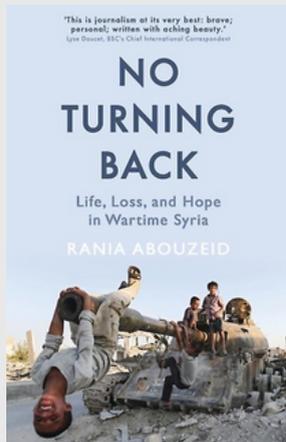
Um jovem rebelde, sobrelotado e apaixonado pela matemática, procura ajuda psicológica junto de um psicólogo excepcional que o orienta e auxilia na tarefa de encontrar um rumo na vida.



# SUGESTÕES CULTURAIS (LIVROS)

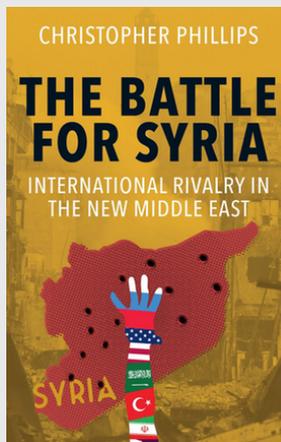
"Rania Abouzeid has produced a work of stunning reportage from the very heart of the conflict, daring to go to the most dangerous places in order to get the story."

— *Dexter Filkins, Pulitzer Prize-winning author of The Forever War*



"Syria's war is far from over but it is already the subject of a large number of books — many about the internal dynamics of the conflict or the headline-grabbing jihadis who dominate perceptions of it. Christopher Phillips' impressively-researched study of its international dimensions is an important contribution to understanding the bleak story so far. Based on interviews with officials and a mass of secondary sources, it identifies and examines the key external components of the worst crisis of the 21st century: the fading of American power, Russian assertiveness, regional rivalries and the role of non-state actors from Hezbollah to ISIS."

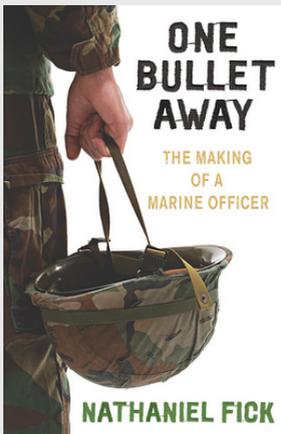
— *by Ian Black*



"If the Marines are "the few, the proud," Recon Marines are the fewest and the proudest. Nathaniel Fick's career begins with a hellish summer at Quantico, after his junior year at Dartmouth. He leads a platoon in Afghanistan just after 9/11 and advances to the pinnacle — Recon — two years later, on the eve of war with Iraq. His vast skill set puts him in front of the front lines, leading twenty-two Marines into the deadliest conflict since Vietnam. He vows to bring all his men home safely, and to do so he'll need more than his top-flight education. Fick unveils the process that makes Marine officers such legendary leaders and shares his hard-won insights into the differences between military ideals and military practice, which can mock those ideals.

In this deeply thoughtful account of what it's like to fight on today's front lines, Fick reveals the crushing pressure on young leaders in combat. Split-second decisions might have national consequences or horrible immediate repercussions, but hesitation isn't an option. One Bullet Away never shrinks from blunt truths, but ultimately it is an inspiring account of mastering the art of war."

— *by Nathaniel Fick*





NÚCLEO MUSICAL

# DEMOCRACIA ACÚSTICA

DA DEMOCRACIA EM PORTUGAL  
CRIOU UMA PLAYLIST NO SPOTIFY  
PARA TI!

ABRIL 2021

OUVE AQUI:

[HTTPS://OPEN.SPOTIFY.COM/USER/06G0J18RKXL782LZDLKHF70?  
?SI=VRKY0QAQTECWAIE4FM9DUG](https://open.spotify.com/user/06g0j18rkxl782lzdldkhf70?si=vrky0qaqtecwaie4fm9dug)



## BLÁ BLÁ BLÁ!

### O que é que a música te faz sentir?

A ideia de incorporar a música no jornal surgiu durante a minha entrevista de candidatura. Passado algum tempo, percebemos que o interesse em partilhar o gosto por música era comum a vários membros da redação, que se juntaram para fundar este "núcleo musical". Agora temos um espaço onde podemos todos partilhar como a música que ouvimos nos toca, com toda a liberdade para nos lançarmos nesta aventura que é escrever sobre música. Nenhum de nós é crítico musical, mas todos partilhamos um enorme gosto pela música que ouvimos, gosto esse que queremos transmitir aos nossos leitores. De um ponto de vista pessoal, a música é ao mesmo tempo um porto seguro e uma fonte de desconforto, daquele importante de que dependemos para crescer. Assim, nada melhor do que uma secção musical, onde com toda a liberdade tentamos passar para palavras o que a música significa para nós!

ATENCIOSAMENTE,

**Luís Duarte**

CRIADOR DO NÚCLEO MUSICAL



# do criador





O álbum "*Boxer*", dos *The National*, foi um dos álbuns que me iniciou na música.

Lembro-me de me ter apaixonado pelo piano de "*Fake Empire*" ou a guitarra de "*Start a War*" muitos anos antes do álbum se tornar uma companhia fundamental para mim. "*Boxer*" é um álbum que vive num equilíbrio precário, num limbo entre a angústia desencantada e um abraço reconfortante. Tem um pé em cada um desses mundos, e por isso vive no mundo da vida adulta, dos trabalhos das nove às cinco e das festas a que devíamos pertencer, mas de onde só queremos fugir.

Os *The National* conseguem como ninguém enfrentar a velocidade do mundo urbano, perdendo umas vezes e ganhando noutras, oscilando entre o lamento e a fuga.

A faixa de abertura, "*Fake Empire*", é como o estender do mapa sobre uma mesa, delineando o plano das onze canções que se seguem. No meio do "império falso" onde estamos meio acordados, urge agarrarmo-nos às coisas simples, como uma limonada ou uma tarte de maçã, desligar as luzes e parar de pensar por uns momentos.

Estas são apenas algumas das muitas imagens utilizadas por Matt Berninger para descrever a sua passagem pela idade adulta. "*Mistaken for Strangers*" é uma das canções onde é abordada a vida quase militar que muitos adultos experienciam nos seus empregos ("*You have to do it running / But you do everything that they ask you to*"), com um instrumental mais rock que acompanha na perfeição o tema da canção.

Tal como "*Mistaken for Strangers*", "*Green Gloves*" aborda a distância que o mundo moderno pode colocar entre nós e os nossos amigos: "*Falling out of touch with all my / Friends are somewhere getting wasted / Hope they're staying glued together / I have arms for them*".



## Boxer (2007) por The National / LUÍS DUARTE

O tema da saudade é transversal a todo o álbum, e é tratado com o peso certo, sem cargas dramáticas ou floreios, mas com uma abertura tão sincera que é ao mesmo tempo assustadora e reconfortante. Em *"Apartment Story"* e *"Slow Show"* fica descrita com uma precisão quase desconcertante a vontade que por vezes temos de fugir do lugar onde estamos em direção aos portos seguros de cada um de nós, sejam eles pessoas ou lugares.

Confesso que o refrão de *"Slow Show"* me toca particularmente: *"I wanna hurry home to you / Put on a slow, dumb show for you and crack you up / So you can put a blue ribbon on my brain / God, I'm very, very frightened, I'll overdo it"*.



As letras das canções de *"Boxer"* contêm poesia suficiente para não se tornarem aborrecidas, mas não tanta que se tornem pretensiosas. Entre ironias e repetições, os *The National* são eles próprios uma companhia para os perdidos, mas não passam disso.

Quem julga, pela lindíssima entrada do piano na introdução de *"Fake Empire"*, estar perante um álbum de tom calmo e triste não podia estar mais enganado. A composição dos gémeos Dessner (piano, guitarras e vozes) e dos irmãos Devendorf (Bryan toca bateria e Scott toca baixo), que formam a banda em conjunto com Matt Berninger, é criativa e bem articulada (vale a pena referir também a contribuição de Sufjan Stevens em *"Racing Like a Pro"* e *"Ada"*).

Não há instrumentos de destaque nem de bastidores, todos têm o seu espaço e contribuem de igual forma para construir, em conjunto com as letras escritas maioritariamente por Matt Berninger, com a ajuda ocasional da sua mulher Carin Besser. Canções que, mesmo que dentro da mesma matriz indie rock, têm poucas semelhanças entre si em termos de sonoridade.

Mesmo assim, *"Boxer"* funciona brilhantemente como álbum: não há canções prescindíveis e qualquer uma pode tocar quem as ouve. É uma história bem escrita e desafiante, que dialoga como poucas com preocupações que todos os adultos, mais ou menos jovens, em alguma altura tiveram que enfrentar.

Num álbum que deu aos *The National* alguns dos seus grandes êxitos, *"Gospel"*, a última canção, pode ser facilmente negligenciada. No entanto, *"Gospel"* é a chave de ouro que encerra o álbum, acabando a viagem através da vida adulta na natureza num jardim com bebidas geladas e amantes que desperdiçam o tempo um do outro.

Este álbum é precisamente isso: uma bebida gelada num jardim com boa companhia. Não é nem nunca será uma resposta definitiva para o desencanto com a vida adulta, mas sempre torna a viagem um pouco mais suportável.



Após o lançamento do seu álbum de estreia, *"Stranger in the Alps"* (2017), Phoebe Bridgers voltou em força em 2020 com o lançamento de *"Punisher"*, um álbum que não só foi descrito como sendo um dos melhores álbuns lançados o ano passado, como é para mim, sem dúvida alguma, um dos melhores álbuns de sempre!

Nos quatro anos desde a gravação de *'Stranger in the Alps'*, a cantora californiana de 26 anos, passou de relativamente desconhecida a uma compositora muito respeitada, devido ao seu trabalho como parte dos grupos Better Oblivion Community Center e Boygenius, e por ter colaborado com artistas como Hayley Williams e The 1975.

Nomeada para 4 Grammys, incluindo Best New Artist e Best Alternative Music Album com *Punisher*, o seu segundo álbum conta com colaboradores familiares como as suas colegas de Boygenius, Lucy Dacus e Julian Baker, assim como Conor Oberst, outro membro de Better Oblivion Community Center. *Punisher* revela em Phoebe Bridgers uma inigualável compositora.

No seu maravilhoso segundo álbum, Phoebe Bridgers define a sua composição como sincera, multidimensional, psicadélica e cheia de coração. Ela escreve músicas para aqueles momentos em que as coisas desmoronam, quando a linguagem falha ou para quando queremos fugir para outro lugar sem necessariamente sairmos fisicamente do sítio onde estamos, fazendo com que consigamos viajar apenas na nossa mente e a sua música parece ter-se tornado um mundo em si mesma.

"*DVD Menu*" é a primeira faixa do álbum e serve como uma introdução instrumental, definindo o tom do álbum. É uma referência à última música do álbum, um espelho dessa melodia no final e tem uma amostra da última música do seu primeiro álbum - "*You Missed My Heart*".

Seguimos para "*Garden Song*", o primeiro single de *Punisher* é maravilhoso não apenas pela maneira como suas letras unem fantasias e pesadelos, casas em chamas e flores desabrochando, mas também por como cada elemento do seu arranjo psicadélico viaja junto com suas palavras. O riff escolhido é tocado em uma guitarra que parece estar a dissolver-se e uma voz baixa e masculina surge como um disco tocando na velocidade errada.

E é isso que é incrível no trabalho de Phoebe Bridgers. A produção das músicas fazem com que estas transmitam exatamente o sentimento que é descrito, pintando uma imagem.



## Phoebe Bridgers: *Punisher*

/ BEATRIZ SILVA



Quer sejam telefones públicos no Japão, mencionados em "Kyoto" - nomeada para Best Rock Song nos Grammys deste ano -, sonhos recorrentes com ondas gigantes, debates noturnos sobre Eric Clapton e John Lennon, ou ser acordada por sirenes do hospital perto de onde mora, Phoebe encontra uma maneira de pintar uma imagem através das suas letras.

*Punisher* é assombrado por memórias, por ecos e às vezes mesmo por fantasmas.

Não consigo dizer se o álbum é baseado num amigo real que ela tenha perdido, mas transborda tristeza, arrependimento e beleza. Um exemplo perfeito disso é a música "Chinese Satellite", que, na minha opinião, é um dos pontos altos do álbum e é tão emocional que quase me faz chorar cada vez que a oiço. Na música, Bridgers lamenta a perda de um amigo que parece ter morrido. A certa altura, Bridgers e o amigo vêem cristãos evangélicos a protestar numa esquina. O amigo grita de volta com os manifestantes e, posteriormente, os dois conversam sobre a situação. Pode ser triste, mas ela também é a primeira a falar sobre o facto de deixar as suas emoções consumi-la, como acontece em faixas como "Moon Song", uma balada melancólica que descreve uma festa de aniversário e que é sem dúvida um dos momentos mais emocionais do álbum.

Ou como em "I Know the End", a faixa final do álbum - que ocupou esse lugar perfeitamente. Ao longo das duas metades da música, ela amarra a ansiedade de sair de casa à sensação vívida num apocalipse real onde há relâmpagos, incêndios que aumentam e pessoas gritam. Desta forma, Phoebe chega mesmo a gritar no final da música onde se dá um *crescendo* coletivo dos instrumentos que no final dão origem a gritos, acabando, desta forma, o álbum.

Este álbum parece, muitas vezes, ocorrer entre o sonho e a vigília, onde as coisas do dia a dia parecem repentinamente surreais. Talvez seja por isso que faz um certo sentido neste momento, onde só podemos viajar nos nossos sonhos, sentimentos estes que apenas Bridgers sabe como expressar em palavras.

A sua voz delicada e bonita muitas vezes camufla as coisas intensas sobre as quais ela canta. Combinando as letras com a excelente produção, é muito fácil de nos perdermos, caso não estivermos realmente atentos, pois pode-se deixar escapar que uma música é contada da perspetiva de um assassino dando o seu último suspiro, uma repreensão ao seu pai distante ou sobre um ex mentor pelo qual se apaixonou.

É isto que faz com que ame tanto o trabalho de Phoebe Bridgers, principalmente este álbum, pois este é daqueles álbuns que ouvimos vezes e vezes sem conta e encontramos sempre algo novo de cada vez que o ouvimos. Ela transporta-nos para outro sítio e, embora por vezes não se perceba exatamente sobre o que certa música é e o que esta significa para a pessoa que a escreveu, somos capazes de nos identificarmos com ela e de certa forma vermo-nos representados como se ela estivesse a escrever sobre a nossa vida, fazendo com que fiquemos com as emoções à flor da pele.

Para aqueles que conhecem bem a banda Foo Fighters, apercebem-se da dúvida que pairava e pairou, a respeito deste último álbum. Isto se alguém considerar que pouco sabe às típicas músicas marcantes, com os gritos de Dave Grohl, o ritmo inconfundível de Taylor Hawkins e o belo toque técnico do guitarrista Pat Smear. Ainda assim, sabe a Foo Fighters, e sabe pela contínua demonstração, capaz de adaptar o rock a novos ares e novos estilos melódicos.

Aquela que é uma das melhores bandas do mundo lançou, no mês passado, este que é o seu décimo disco, mais curto que os restantes e, certamente o mais diferente de todos eles. Num estilo mais alternativo, seu, a banda apresenta-nos músicas como "Making A Fire", "Shame Shame" e "Medicine at Midnight", modelos distintos, com coro secundário e ritmos diversos.

O objectivo de produzir um álbum composto por géneros de música nunca antes feitos em conjunto, cumpriu-se. Inspirados nos ídolos passados de cada um, em conjunto escreveram canções com toques de Bowie, The Beach Boys, entre outros.

Ao ouvir o álbum apercebemo-nos, talvez, de um carácter mais "dançável" (palavras do próprio vocalista), quer seja mais pop, mais funky ou indie, o essencial musical da banda está presente.

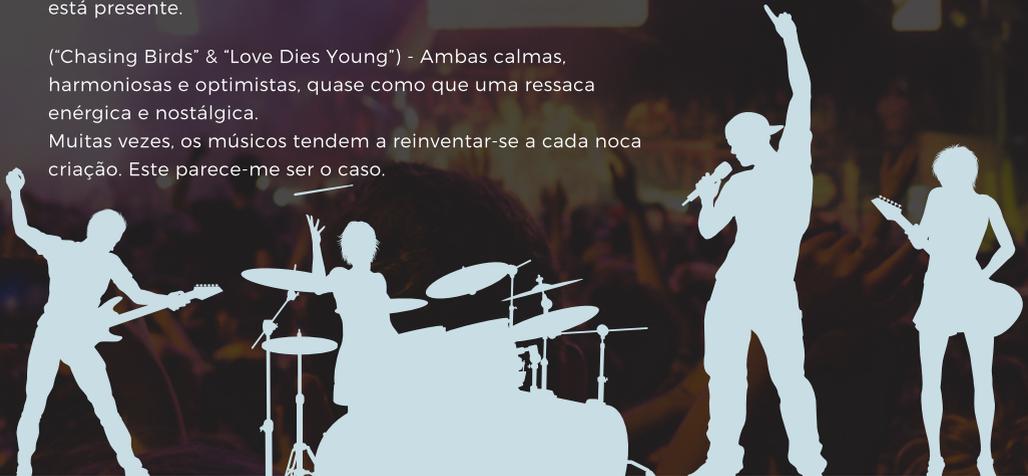
("Chasing Birds" & "Love Dies Young") - Ambas calmas, harmoniosas e optimistas, quase como que uma ressaca enérgica e nostálgica.

Muitas vezes, os músicos tendem a reinventar-se a cada nova criação. Este parece-me ser o caso.

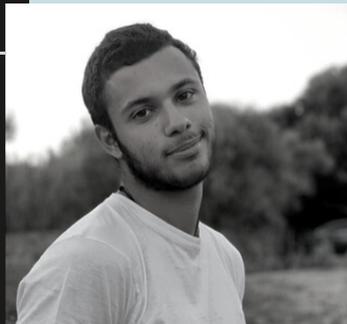


## “Medicine at Midnight” Review

/ TIAGO COELHO



Young Thug veio salvar o "game" da seca a que assistimos em 2021. Apenas alguns álbuns sobressaem desde janeiro deste ano – The voice (um deluxe de Lil Durk), DO NOT LISTEN (Brent Faiyaz), I TAPE (Vic Mensa) e mais recentemente Destined to Win (Lil Tjay). Nenhum álbum desta lista é comparável com o impacto e a receção, por parte do público, que Slime Language teve em pouco mais de uma semana - também não é para menos. Participações de artistas de grande porte como Drake, Travis Scott, Gunna, Lil Uzi Vert, Skepta e Lil Baby, só para mencionar alguns dos mais conhecidos, além de trazer espaço para a criatividade de artistas mais novos e em ascensão dentro da discográfica 300 Entertainment. A subsidiária Young Stoner Life, uma iniciativa do próprio "Thugger" de promover dentro da 300 uma marca de Hip-Hop mais reconhecida e separada da própria discográfica sediada em Atlanta, tem neste projeto uma expansão da marca.



## "Slime Language 2" Review

/ VASCO SOUSA



O estilo é tudo o que esperamos para quem já conhece a onda que Thugger nos habituou. A combinação de beats trap, na grande maioria cozinhados pelo fantástico Wheezy, em junção com a incansável criatividade do artista mestre da obra para formular novas sonoridades, principalmente através da diversidade de flows que só ele consegue, mas também pelos adlibs inovadores com tendências conhecidas de outros artistas (como Travis Scott e Gunna), fazemos esperar pela sua entrada mesmo antes de dizerem uma única palavra. Vêm salvar o que até agora tem sido um ano triste na indústria do rap.

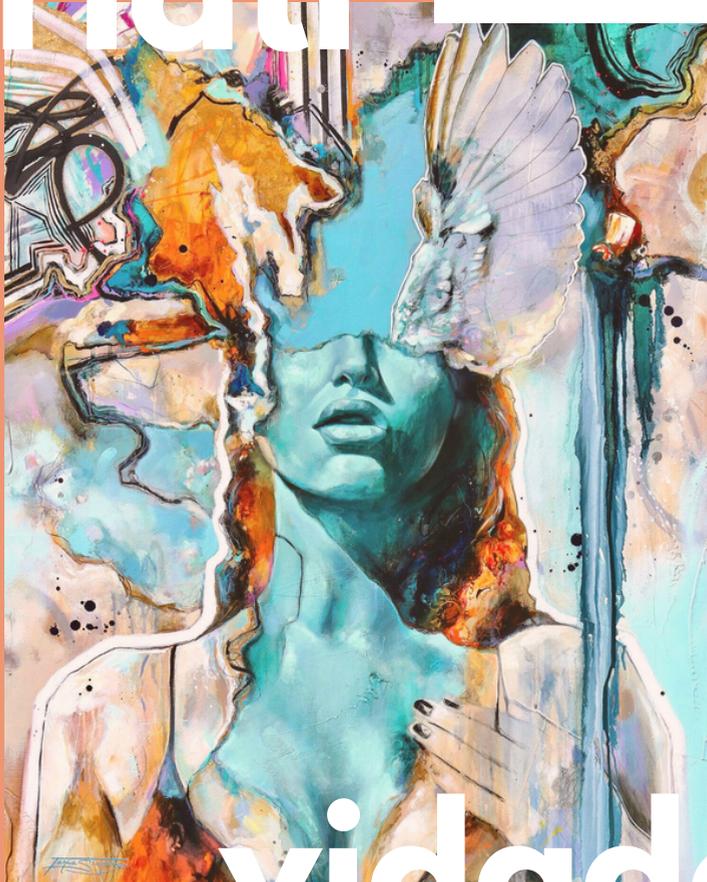
Desde faixas menos “barulhentas”, como Solid, Proud of You, Trance e Cómo te Llama (para os mais conservadores), para o verdadeiro sentimento “wavy” (único) em temas como Ski, Diamonds Dancing, Paid the Fine e I Like. Passando por temas de motivação e hype, tais como Slatty, Really Be Slime, Come and Saw, That Go! e muitas outras, é notório que o conjunto de artistas se focou nesta parte. Finalizam a obra com músicas mais sentimentais, numa espécie de escape para assuntos pesados e pessoais, como Real e My city Remix.

Classificando as músicas a partir do grau de importância que estas tiveram dentro do conjunto, no Nº5 coloco WokStar, pela participação importante de Skepta na faixa, trazendo consigo uma lufada de ar fresco ao projeto pelo estilo tão próprio do artista; Em Nº 4, Really Be Slime, preferência pessoal. O Nº 3 é difícil de decidir, por isso vou fazer batota e classificar 3 músicas neste lugar (digamos que é empate técnico): Diamonds Dancing, Paid the Fine e Proud of You. No Nº 2, Take to Trial é o exemplo perfeito da versatilidade de Young Thug e a parceria com o Gunna tornou esta música num 9.5/10. No lugar de ouro e incontestável, está Moon Man. A música parece saída de outra dimensão - a abertura de Strick faz o tapete vermelho ser estendido para Young Thug trazer mais uma provação do seu talento. Já com estrelas nos ouvidos começamos a ouvir os tão aclamados “hmmmm’s” de Kid Cudi e recebemos um verso genial do verdadeiro homem da lua entre o ego e a agressividade.

A seca finalmente acabou e podemos desfrutar de 23 faixas com alimento para todos os gostos dentro dos amantes do género.



criati



"THE NEXT STEP" - TAHLIA STANTOR

vidade

# Lugares Que Nos Mudam



/ BRUNO MIRANDA LENCASTRE

Quando pensamos nos lugares que preenchem os nossos dias e onde passamos os melhores e os piores momentos das nossas vidas, raramente paramos para refletir no enorme peso emocional que têm para nós.

De facto, se nos dedicarmos a pensar nisso, os lugares são como pessoas: moldam-nos, transformam-nos e as relações que criamos com os mesmos afetam-nos em igual medida.

No início do ano passado, quando o mundo começava a compreender a gravidade da pandemia global que hoje vivemos, nada me podia ter preparado para as mudanças que aconteceriam na minha própria vida ou para o gigante impacto que determinados lugares teriam em mim.

Há um ano atrás eu era uma pessoa completamente diferente. Na altura ainda estava a morar com a minha irmã em Lisboa e a frequentar o segundo ano de Direito, enquanto pensava secretamente (já há muito tempo) em mudar de curso para uma área que realmente me interessasse e motivasse.

Agora, um ano depois, pergunto-me se as coisas teriam sido diferentes não tivesse a minha faculdade sido forçada a fechar devido à pandemia e não tivesse eu, em consequência disso, ter sido obrigado a regressar ao Porto, onde passaria os dois meses de confinamento seguintes num apartamento sozinho (a minha mãe, a quem o apartamento pertencia, ficara a morar temporariamente com os meus avós e a minha irmã permanecera em sua casa em Lisboa).

A verdade é que, seja por que motivo for, poucas semanas depois de regressar já tinha tomado a decisão de mudar de curso e deixar Direito para trás, uma decisão que durante dois anos me atormentara.



FOTOGRAFADO POR BRUNO LENCASTRE

O que eu não compreendia ainda era que a minha decisão estava a ser profundamente influenciada pelo facto de eu já não estar em Lisboa, um lugar que estava inevitavelmente associado a dois dos anos mais infelizes da minha vida.

Ainda hoje, quando penso que terei de eventualmente voltar (ironicamente, o instituto onde agora estudo fica a apenas uma rua de distância da minha faculdade), encho-me de um estranho temor só de imaginar que terei de caminhar pelas mesmas ruas, ouvir os mesmos sons e estar no mesmo lugar onde durante tanto tempo me senti perdido e incerto sobre o meu futuro.

Por outro lado, acho que não tivesse eu podido sentir a brisa do mar outra vez, andar pelas ruas amplas que conheço desde miúdo e estar de novo em minha casa - tanto por fora como por dentro -, provavelmente ainda estaria em negação comigo mesmo. "Tens de terminar o que começaste", "Tens de estar à altura das expectativas", "Não podes voltar atrás agora".

O meu regresso ao Porto e à cidade onde cresci e quase sempre vivi lembrou-me da pessoa que era antes de ir para Lisboa e perder o norte e deu-me a coragem que faltava para encarar que não era a pessoa feliz que repetidamente tentava convencer-me a mim mesmo que era.

É agora então que compreendo o amor que tinha ao Porto e a saudade que nos dois anos anteriores sentira sempre no comboio que partia de Campanhã para Santa Apolónia: para mim, o Porto era uma pessoa e uma parte fundamental de mim próprio.

E como poderia de facto eu não amar tanto um lugar que, como um amigo, me estendera a mão quando eu mais precisava?

A mudança era visível apenas alguns dias depois de voltar para casa, e ao longo das semanas seguintes todas as minhas dúvidas e receios se transformaram gradualmente em determinação e propósito como nunca tivera antes.

Ao fim de dois anos confusos e marcados pela pressão de decidir o que fazer com a minha vida, eu sentia-me por fim eu próprio de novo.

Conseguem então imaginar a minha frustração ao receber um dia uma chamada da minha mãe a insistir que eu passasse o resto do confinamento com a minha família em casa dos meus avós a 150 quilómetros de distância do Porto, na Beira Interior.

Acontece que a minha mãe não estava apenas a pedir-me para voltar à realidade e sair do pequeno paraíso em que tinha vivido nos dois meses anteriores, mas também para me mudar para um lugar com o qual não podia ter uma relação mais diferente da que tinha com o Porto.

De facto, também a terra dos meus avós mudara radicalmente a minha vida, mas de forma muito diferente.

Depois do complicado divórcio dos meus pais, sempre me sentira de certa maneira sortudo por a minha mãe ter decidido recomençar a sua vida no Porto com dois filhos pequenos e deixar para trás a terra onde sempre vivera e onde fora muito feliz, mas à qual eu sempre tivera aversão por muito que fosse o "Porto" da minha família.

Contudo, apesar dos meus protestos e inúmeras objeções (que foram recebidos com expectável indiferença), respeitei o pedido da minha mãe, não esperando de todo que as semanas que se seguiram mudassem por completo a minha perspetiva daquele lugar que rejeitara toda a minha vida.

Talvez tenha sido o verão acabado de chegar, o ar fresco e quente e os campos verdes - o que, para alguém que durante dois meses mal pusera os pés fora de um apartamento, era uma boa mudança de ares -, ou apenas o facto de ter sido obrigado a ficar lá mais do que a habitual semana por ano, mas a verdade é que comecei a ver aquela terra com uma nova luz.

Porém, em retrospectiva, penso que esta mudança se deveu acima de tudo a um acontecimento que abalara a minha família meses antes e me fizera entender que os meus avós não estariam sempre ali para me receber.

No verão anterior, o meu núcleo familiar - aquele grupo de pessoas que estão sempre lá e nunca pensamos que um dia deixarão de estar - ficou mais pequeno com a súbita morte da minha tia materna, o que me fez ver que não só fazemos luto das pessoas que perdemos como também dos lugares onde partilhámos memórias com as mesmas.



FOTOGRAFADO POR BRUNO LENCASTRE

Para mim, foi um lugar em específico: o apartamento da minha tia junto ao mar nos arredores do Porto.

Este apartamento era, de muitas maneiras, o centro da minha família e um refúgio com que podíamos sempre contar, e dizer que pertencia à minha tia não é bem verdade porque o apartamento pertencia a todos nós.

Era da minha tia quando ela voltava do estrangeiro (onde trabalhava) e precisava de estar sozinha para "recarregar baterias" como dizia, e dos meus avós quando vinham ao Porto e aproveitavam para se sentirem mais próximos da filha que estava longe.

Foi da minha mãe quando ela se mudou para uma cidade nova e precisava de um sítio onde ficar, e meu e da minha irmã quando éramos mais novos e passávamos tardes de verão na piscina e a comer gelados nas escadas do condomínio.

Aquele lugar, aquele apartamento, era muito mais do que quatro paredes e uma vista bonita para o mar. Era a certeza de que poderíamos sempre regressar e encontrar as mesmas pessoas, as mesmas discussões, as mesmas gargalhadas e o mesmo amor.

E, de um momento para o outro, tudo o que aquele apartamento era deixou de ser.

Os meus avós deixaram de ter uma filha para visitar, a minha mãe encontrou um lugar onde ficar, a minha irmã mudou-se para outra cidade e eu cresci e deixei de passar tardes de verão a comer gelados nas escadas do condomínio.

E o apartamento, agora apenas quatro paredes e uma vista bonita para o mar, reduziu-se a uma memória distante de tempos mais felizes.



FOTOGRAFADO POR BRUNO LENCASTRE

Quando, depois do confinamento, tomámos a decisão em família de vender o apartamento, não sei o que terá sido mais difícil: se enfrentarmos a realidade de que tínhamos perdido uma pessoa insubstituível nas nossas vidas ou se aceitarmos que nunca mais poderíamos regressar àquele lugar que era tudo o que sobrava dos dias em que achávamos que os momentos que tínhamos iam durar para sempre.

Mas assim como tive de aprender a viver com a morte da minha tia, também aprendi a viver com o facto de, por muito que me custe admiti-lo, ter deixado de ter um motivo para lá ir a partir do momento em que tudo o que tornava aquele lugar no que era para nós ter desaparecido.

A verdade, se pensarmos bem, é que somos nós que tornamos os lugares das nossas vidas naquilo que são e lhes damos o seu significado e, tal como com as pessoas que amamos e nos deixam, tudo o que podemos fazer é recordá-los com um sorriso e deixar-nos mudar por todos aqueles que ainda estão por descobrir.



alma

— poética

# MÃE

/ CAROLINA MARGARIDO

Querida mãe,  
Abençoada vida.

Hoje te peço perdão,  
Por todas as asneiras e aventuras.  
Porque sei que me amas sem chão  
Sem limites ou censuras.

Por isso te peço a mão  
Para a abraçar no meu coração.  
Porque és anjo de flor eterna no meu céu  
E mãe que escolho na próxima encarnação.

Se ao menos soubesses a felicidade  
Que vive dentro da minha casa  
Por viver com a intensidade do teu sorriso  
Na sombra e calor da tua asa.

Hoje és amada como sempre  
E lembrada eternamente.  
És a mãe que escolhia  
Neste e noutra vida, cegamente.



# (P)AI

/ LUÍS MIGUEL SIMAS

Infelizmente o tempo é indelicado e não pergunta

Se queremos ficar ou partir

Que fiquem ou que partam

É uma simples constatação de factos que não são simples.

Nem fáceis, de aceitar.

Choramos porque, como disse, o tempo responde apenas

Da forma mais vil e bruta que lhe conhecemos

Até da que nos foge ao imaginário mais impiedoso

"Ai pensa-mente, para que serves evitar?"

É cobarde, o tempo,

que nem nos deixa andar para trás, com medo que

reparemos o mal que fez

Tampouco a cura que nos vende pode curar

Se o tempo no-la concede, ao mesmo tempo que nos

aproxima do suspiro último.

Isto de viver, quando sozinho (entenda-se: sem ti),

não é vida se não ócio

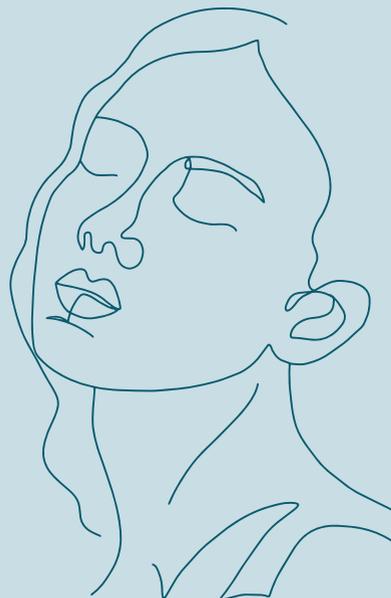
Pois que o tempo só pode ser vivido quando enganado

Vivo-me em ti, pois que mais ninguém engana o meu

Como tu me amas

Fazes-me esquecer todo o tempo que não tive para

aprender a viver (sem ele).





NÚCLEO MUSICAL

# 'PHOTOPHILIA'

EXPOSIÇÃO DIGITAL DE BRUNO MIRANDA  
LENCASTRE

ABRIL 2021

























# FICHA TÉCNICA

**Diretor Geral Editorial:** Luís Miguel Simas

**Diretores Gerais-Adjuntos:** Carolina Margarido

**Diretora de Conteúdo:** Sofia Veiga Carita e Salvador Sommer Sacadura

**Diretora de Arte e Forma:** Margarida Jackson Lee

**"Cá Dentro" (Nacional):** Diogo Roovers, Gabriel de Campos Fábrega, Inês Simões, João Quaresma, Luís Duarte, Rita Rosa

**"Lá Fora" (Internacional):** Beatriz Silva, Gabriela da Silva Teixeira, Laura Guimarães, Luís Miguel Simas, Pedro Trigo, Salvador Sommer Sacadura

**Sugestões Culturais:** Beatriz Silva, João Salema de Sequeira, Luís Duarte, Tiago Coelho, Vasco Sousa

**"Por Tugas" (Entrevistas):** Telma Casimiro

**"Estado de Direito(s)":** Inês Simões, Mariana Setra

**"Philosophia":** Carolina Margarido, Sofia Veiga Carita, Vasco Sousa

**Espaço Institucional:** Carolina Margarido, Luís Miguel Simas

**"Cria(tividade)":** Bruno Miranda Lencastre, Carolina Margarido, Luís Miguel Simas

Estamos a Recrutar!

Se queres fazer parte desta equipa, envia-nos um mail para [jornalaieph@gmail.com](mailto:jornalaieph@gmail.com), no qual deverás explicar qual é, para ti, o papel da imprensa digital numa sociedade democrática e liberal.

Juntamente com essa breve descrição, envia-nos o teu CV, e uma carta de motivação, na qual deverás dizer-nos em que áreas te sentirias mais confortável a escrever, bem como a respectiva regularidade - quinzenal ou mensalmente.

COM APOIO DE:



CATOLICA  
INSTITUTO DE ESTUDOS POLÍTICOS  
LISBOA



